

DELIMUNDA

DIA(S) DO DESA

SSOSSEGO

HARRY POTTER

**SARAMAGO
AT THE MOVIES**

A ARCA DE PESSOA



Eu gostaria de ter escrito um livro em que pudesse ter posto o título de *Livro do Desassossego*. Mas já está, o Fernando Pessoa antecipou-se.

O meu desassossego não seria exatamente o desassossego dele, mas o título convinha-me porque, como eu não vivo sossegado, quero desassossegar os outros, os leitores.

Palavras ditas por José Saramago em 2009, durante a apresentação do romance *Caim*

04

**Sobre Fernando
Pessoa**

José Saramago

06

**Leituras
do mês**

Sara Figueiredo Costa
Ricardo Viel

10

Estante

Sara Figueiredo Costa
e Andreia Brites

13

**Como Portugal
guarda a arca
de Pessoa**

Ricardo Viel

21

**Dois pessoas
pelo mundo**

Ricardo Viel

26

**BD: novo fôlego
em três novos
livros**

Sara Figueiredo Costa

37

**Saramago at
the movies**

João Monteiro

49

**Harry Potter
O futuro já
passou por aqui**

Andreia Brites

62

**Dicionário
infantil e juvenil**

Catarina Sobral
Francisco Vaz da Silva

63

Espelho Meu

Andreia Brites

65

Notas de rodapé

Andreia Brites

66

**Dia(s) do
Desassossego
em imagens**

79

**Exortação
da Paz**

António Sampaio da Nóvoa

88

**A Viagem do
Elefante**

João Amaral

92

**Como assim
levantados
do chão**

Miguel Castro Caldas

111

Agenda

Era um homem que sabia idiomas e fazia versos. Ganhou o pão e o vinho pondo palavras no lugar de palavras, fez versos como os versos se fazem, como se fosse a primeira vez. Começou por se chamar Fernando, pessoa como toda a gente. Um dia lembrou-se de anunciar o aparecimento iminente de um super-Camões, um camões muito maior que o antigo, mas, sendo uma pessoa conhecidamente discreta, que soía andar pelos Douradores de gabardina clara, gravata de lacinho e chapéu sem plumas, não disse que o super-Camões era ele próprio. Afinal, um super-Camões não vai além de ser um camões

maior, e ele estava de reserva para ser Fernando Pessoas, fenómeno nunca visto antes em Portugal. Naturalmente, a sua vida era feita de dias, e dos dias sabemos nós que são iguais mas não se repetem, por isso não surpreende que em um desses, ao passar Fernando diante de um espelho, nele tivesse percebido, de relance, outra pessoa. Pensou que havia sido mais uma ilusão de óptica, das que sempre estão a acontecer sem que lhes prestemos atenção, ou que o último copo de

aguardente lhe assentara mal no fígado e na cabeça, mas, à cautela, deu um passo atrás para confirmar se, como é voz corrente, os espelhos não se enganam quando mostram. Pelo menos este tinha-se enganado: havia um homem a olhar de dentro do espelho, e esse homem não era Fernando Pessoa. Era até um pouco mais baixo, tinha a cara a puxar para o moreno, toda ela rapada. Com um movimento inconsciente, Fernando levou a mão ao lábio superior, depois respirou fundo com infantil alívio, o bigode estava lá. Muita coisa se pode esperar de figuras que apareçam nos espelhos, menos que falem. E porque estes, Fernando e a imagem que não era a sua, não iriam

ficar ali eternamente a olhar-se, Fernando Pessoa disse: «Chamo-me Ricardo Reis». O outro sorriu, assentiu com a cabeça e desapareceu. Durante um momento, o espelho ficou vazio, nu, mas logo a seguir outra imagem surgiu, a de um homem magro, pálido, com aspecto de quem não vai ter muita vida para viver. A Fernando pareceu-lhe que este deveria ter sido o primeiro, porém não fez qualquer comentário, só disse: «Chamo-me Alberto Caeiro». O outro não sorriu, acenou apenas, frouxamente, concordando, e foi-se embora. Fernando Pessoa deixou-se ficar à espera, sempre tinha ouvido dizer que não há duas sem três. A terceira figura tardou uns segundos, era um homem daqueles que exibem saúde para dar e vender, com o ar inconfundível de engenheiro diplomado em Inglaterra. Fernando disse: «Chamo-me Álvaro de Campos», mas desta vez não esperou que a imagem desaparecesse do espelho, afastou-se ele, provavelmente tinha-se cansado de ter sido tantos em tão pouco tempo. Nessa noite, madrugada alta, Fernando Pessoa acordou a pensar se o tal Álvaro de Campos teria ficado no espelho. Levantou-se, e o que estava lá era a sua própria cara. Disse então: «Chamo-me Bernardo Soares», e voltou para a cama. Foi depois destes nomes e alguns mais que Fernando achou que era hora de ser também ele ridículo e escreveu as cartas de amor mais ridículas do mundo. Quando já ia muito adiantado nos trabalhos de tradução e poesia, morreu. Os amigos diziam-lhe que tinha um grande futuro na sua frente, mas ele não deve ter acreditado, tanto assim que decidiu morrer injustamente na flor da idade, aos 47 anos, imagine-se. Um momento antes de acabar pediu que lhe dessem os óculos: «Dá-me os óculos» foram as suas últimas e formais palavras. Até hoje nunca ninguém se interessou por saber para que os queria ele, assim se vêm ignorando ou desprezando as últimas vontades dos moribundos, mas parece bastante plausível que a sua intenção fosse olhar-se num espelho para saber quem finalmente lá estava. Não lhe deu tempo a parca. Aliás, nem espelho havia no quarto. Este Fernando Pessoa nunca chegou a ter verdadeiramente a certeza de quem era, mas por causa dessa dúvida é que nós vamos conseguindo saber um pouco mais quem somos.

Sobre Fernando Pessoa

José Saramago

Blimunda 29

outubro 2014

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

Rita Pais

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Rita Matos/silvadesigners



Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org

www.josesaramago.org

N.º registo na ERC 126 238

Os textos assinados

são da responsabilidade

dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação

podem ser reproduzidos

ao abrigo da Licença

Creative Commons

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO THE JOSÉ SARAMAGO FOUNDATION CASA DOS BICOS

ONDE ESTAMOS
WHERE TO FIND US
Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa
Tel: (351) 218 802 040
www.josesaramago.org
info.pt@josesaramago.org



Segunda a Sábado
Monday to Saturday
10 às 18 horas
10 am to 6 pm

COMO CHEGAR
GETTING HERE
Metro Subway Terreiro do Paço
(Linha azul Blue Line)
Autocarros Buses 25E, 206, 210,
711, 728, 735, 746, 759, 774,
781, 782, 783, 794

O regresso da Censura

Nas últimas semanas, dois casos abalaram os pilares da liberdade de expressão que devem sustentar a instituição universitária, um em Lisboa, outro em Coimbra. Um número da revista *Análise Social*, publicada pelo Instituto de Ciências Sociais, foi proibido de circular pelo director do instituto, José Luís Cardoso, porque um dos artigos que o compunha, um ensaio fotográfico sobre o *graffiti*, foi considerado de «mau gosto e uma ofensa a instituições e pessoas que eu não podia tolerar» (director do ICS, citado pela TVI). Na Universidade de Coimbra, o director da Faculdade de Direito, António Santos Justo, proibiu um debate entre Rui Tavares e Pedro Mexia, organizado pela Associação dos Estudantes, com o argumento de que a universidade não deveria ser o palco para «debates ideológicos». Sobre estas duas situações escreve Rui Zink, escritor e professor universitário, lembrando os trinta anos da Pornex, da qual foi parte integrante. A Pornex foi uma semana mítica que, em 1984, levou à FCSH debates, performances, debates e outras actividades dedicadas ao tema da pornografia. Diz Rui Zink no texto que pode ler-se no *Público* online: «A Pornex era um teste à liberdade, à capacidade de encaixe, ao sentido de humor,

à alegria, à democracia e, enfim, também à universidade. Pode-se ou não discutir tudo? Podemos ou não, sobretudo na universidade, discutir a coisa humana? Ou só são tolerados os “temas decentes”, que não “ofendam a gente de bem”? E a FCSH, graças a Deus e às pessoas, passou o teste. De raspão, titubeante, com umas hesitações aqui ou ali (à portuguesa), mas passou.» E, mais adiante, sobre os casos do presente: «São sinais chatos, porque nem sequer têm origem no governo – por uma vez, Pedro, estás perdoado – mas no mercado ou, mais sinistro, no medo do mercado. Em dez dias que abalaram meio mundo, temos uma Revista de Ciências Sociais que é censurada (e não sei o que é pior, se a censura, se as desculpas a *posteriori* e a solidariedadezinha institucional) e um debate na Faculdade de Coimbra entre dois rapazes limpos e barbeados interdito por ser “ideológico”.»



Violência no México

No blog da editora Companhia das Letras, a coluna mais recente assinada pelo escritor mexicano Juan Pablo Villalobos reflete sobre os casos de violência que têm marcado a

sociedade mexicana, dos homicídios nunca resolvidos aos casos de repressão policial e militar, quase sempre com ligações pouco claras ao narcotráfico. Villalobos foi convidado por Daniel Galera para escrever um conto que integrasse uma antologia literária latino-americana dedicada ao crime, a ser publicada nos Estados Unidos da América. Foi o conto que escreveu para essa antologia que originou a reflexão que pode ler-se nesta crónica. Um excerto: «Faz um tempo, vários anos, que a história do México parou de ser essa coisa exótica de que o estrangeiro tanto gostava. Essa história terminou, esse México morreu. A história do México virou um relato triste, sórdido, escuro e os mexicanos ainda não sabem o que têm que fazer para mudá-lo. Parece que a sociedade começa a acordar, a sair para a rua e a se organizar, porque, eu quero acreditar, a sociedade não consegue aguentar mais. Ninguém acredita mais na história oficial, mas ninguém quer aceitar a crueldade da história real. Mas justamente desse paradoxo deveria nascer a esperança: a de um país que quer aprender a contar bem sua própria história.»



Jordi Savall e a recusa do prémio

O músico e investigador catalão Jordi Savall foi recentemente distinguido com o Prémio Nacional de Música, um galardão (acompanhado por um cheque de 30 000 euros) atribuído pelo Ministério da Cultura espanhol pelo reconhecimento de quatro décadas de trabalho. O músico decidiu recusar o prémio e explicou os seus motivos num texto que o *El País* publicou na edição de 7 de Novembro. «Aunque concedido por un jurado compuesto en parte por músicos y personalidades independientes, ¿cómo podía aceptarlo viniendo de la mano de una institución que desde tiempos inmemoriales ha dado la espalda a los músicos y especialmente al Patrimonio musical histórico del país? ¿cómo podía callarme y beneficiarme de los 30 000 euros que lo acompañan, sin pensar en las voces cada día más numerosas y más desesperadas de tantos músicos que piden ayuda y oportunidades, y que se han quedado sin trabajo ante la rápida desaparición de festivales y reducción de programaciones de conciertos en auditorios de resultados de la drástica supresión de las modestas ayudas?» Mais adiante: «La ignorancia y la

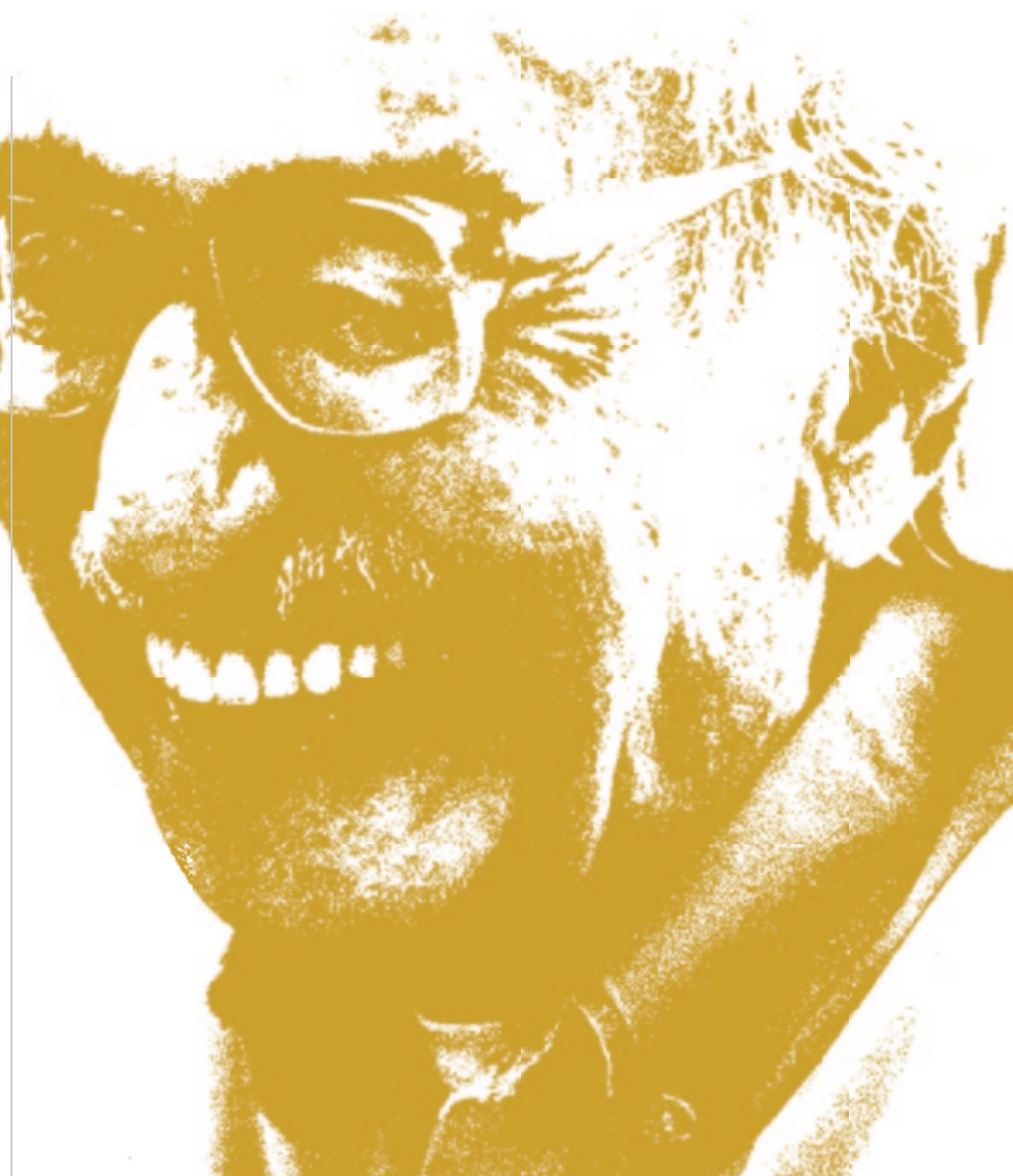
amnesia son el fin de toda civilización, ya que sin educación no hay arte y sin memoria no hay justicia. No podemos permitir que la ignorancia y la falta de consciencia del valor de la cultura de los responsables de las más altas instancias del gobierno de España, erosionen impunemente el arduo trabajo de tantos músicos, actores, bailarines, cineastas, escritores y artistas plásticos que detentan el verdadero estandarte de la cultura y que no merecen sin duda alguna el trato que padecen, pues son los verdaderos protagonistas de la identidad cultural de este país.»



Na morte de Manoel de Barros

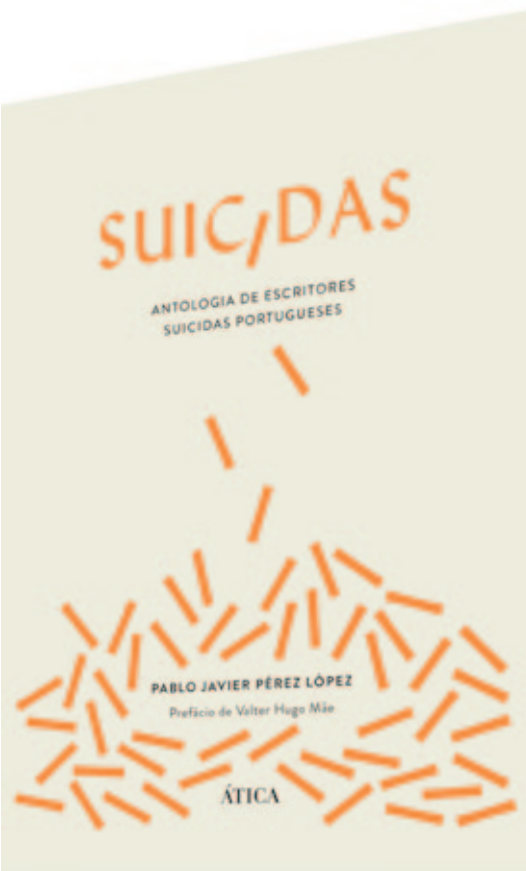
O poeta brasileiro Manoel de Barros morreu no passado dia 13 de Novembro, aos 97 anos. A sua morte foi assinalada um pouco por toda a imprensa brasileira e internacional, referindo a importância do seu trabalho poético e a constante reinvenção da linguagem e das estruturas poéticas a que se dedicou. Num texto publicado no site *Campo Grande news*, Ângela Kempfer recordou-o assim: «Apesar de toda a tristeza diante da notícia (sem a graça

das invencionices), é bom lembrar que Manoel sabia que o tempo só anda de ida e que, esperto, amarrou o dito cujo no poste para jamais ser esquecido. Outra sorte é que, antes de partir, nos mostrou o que está sob a pedra. Despertou emoções sobre o bruto. Levantou o que todo mundo chuta para chamar atenção ao sentimento e sugerir paciência de lesma ao olhar apressado. Vegetalizou as pessoas, com simplicidade profunda, como os amigos costumam definir. Número 1 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, Manoel nasceu em Cuiabá (MT), no Beco da Marinha, na beira do rio, mas veio criança para estas bandas e é nosso sul-mato-grossense de fato, morador ilustre da Rua Piratininga, no Jardim dos Estados. “Vivi nos brejos, lugares úmidos que custam muito a secar. Eu convivi muito com essas palavras que aparecem em mim”, escreveu sobre o Pantanal. Ali, tirou o homem do centro das atenções para falar de sapos, formigas, cobras e gotas d’água. “Poderoso não é quem descobre ouro, mas quem descobre as insignificâncias”. Falando assim, seguiu uma vida toda, dando lições de humildade. Admirava Charlie Chaplin, por exemplo, por ele ter “monumentado” o vagabundo.»



Suicidas

**Antologia de escritores
suicidas portugueses**
Pablo Javier Pérez López



Em 1908, Miguel de Unamuno escreveu um ensaio sobre Portugal intitulado: «Um povo suicida». Entre os anos de 1907 e 1915 o filósofo espanhol manteve uma emotiva relação com o país vizinho. Atraído pela dimensão trágica do povo português, Unamuno estreitou laços com autores lusos e produziu vários ensaios sobre o tema. É o que explica o também espanhol Pablo Javier Pérez López, poeta e investigador responsável pela antologia *Suicidas*, obra que dialoga com o ensaio do autor de *Niebla*. «Unamuno interessa-se por Portugal porque toda a sua obra foi uma reflexão sobre a imortalidade, sobre a morte [...] toda a sua obra literária e filosófica não foi senão uma reflexão, um pensar ou um sentir trágico ou sobre o trágico.» Para Pérez López, o interesse do ensaísta pelo assunto passa também por uma busca por respostas sobre a alma espanhola (e sobre si mesmo). «Portugal es un pueblo de suicidas, tal vez un pueblo suicida. La vida no tiene para él sentido de transcender. Quieren vivir tal vez, sí, pero, ¿para qué? Vale más no vivir.» Defende o autor da antologia que o suicídio e a «pulsão de morte» são uma presença constante na experiência «literária, mítica, histórica e identitária» do povo português. E para demonstrar a sua tese recolhe excertos de seis escritores que se mataram: Camilo Castelo

Branco, Antero de Quental, Manuel Laranjeira, Mário de Sá-Carneiro, Florbela Espanca e Barão de Teive (semi-heterónimo de Fernando Pessoa que, «cansado da dor da lucidez», ter-se-á suicidado a 12 de julho de 1920). São textos (poemas, cartas, excertos de romances, etc.) de autores suicidas e trazem como ponto em comum reflexões sobre a existência, o amor e a fragilidade da vida. «Provavelmente tenho medo desta antologia porque gosto dos autores suicidas. Gosto do modo como tiveram a coragem para tudo. Porque acredito muito que escrever é um gesto de coragem», escreve Valter Hugo Mãe no prólogo da obra. O escritor português confessa que conheceu o dramatismo logo cedo: «O meu pai era fatalista, o meu avô materno vi-o quase sempre acamado, doente do coração, a generalidade das pessoas, no lugar onde eu vivia, era pobre, aflita com a sobrevivência e o decoro religioso e moral. Sei que entendi imediatamente que viver é difícil e que a morte é muito fácil.» Ainda assim não considera que a disforia nas terras de Camões seja maior do que a de outros povos. Pensa, isso sim, que ela é justificável. «Sabemos que o sentimento de perda português poderá radicar na história de um império que existiu há quinhentos anos e que se foi diminuindo até restarmos num

pequeno retângulo pendurado às costas da Espanha [...] Perder um império cria num povo uma espécie de espera. Como se fosse natural esperar que o império um dia volte. Como se fosse possível tornar a dividir o mundo como no início dos Descobrimentos. É uma ilusão, uma utopia, e de utopias estão também todos os povos, e todas as tristezas, cheios.»

Acompanha a seleção de textos um posfácio de Pablo Pérez López em que o autor procura estabelecer uma relação entre Unamuno – e a sua leitura sobre a alma portuguesa – e os autores escolhidos. «Nos suicidas portugueses encontramos a Nostalgia, a Saudade [...] a profunda experiência da loucura, a profunda experiência do amor, a profunda experiência da ausência, a profunda experiência da morte e, por tudo isso, a profunda, incarnada e enferma experiência da vida e portanto da literatura em que a paixão e o padecimento e o mistério da verdade se tornam indistinguíveis e por vezes insuportáveis.»

Como aponta Hugo Mãe, a obra corria o risco de ser um trabalho sensacionalista, mas supera essa barreira e, além de ter qualidade literária, ajuda a entender, se não a um povo, uma parte da sua história literária.

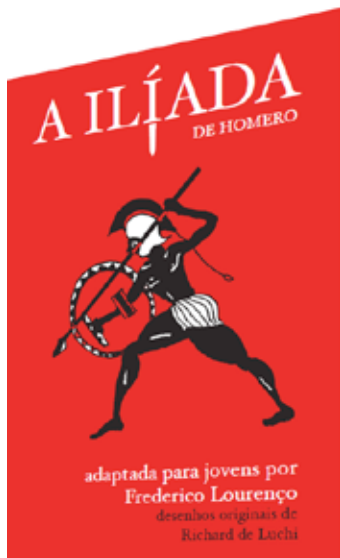
CESAREA

ESSA
ANGÚSTIA
LOUCA DE
PARTIR
PEDRO
LEMEBEL

TRADUÇÃO:
ALEJANDRA ROJAS COVALSKI

COLETÂNEA DE
TEXTOS DE UMA
DAS VOZES MAIS
SINGULARES DA
LITERATURA HISPANO-
-AMERICANA NO
WWW.CESAREA.COM.BR

CESAREA



Frederico Lourenço
A Ilíada de Homero adaptada para jovens
 Cotovia

Frederico Lourenço volta a adaptar uma obra fundadora da literatura ocidental. *A Ilíada* original perde a estrutura dos vinte e quatro cantos, transformados em capítulos. É também emagrecida no número de páginas, em grande parte devido à escrupulosa síncope de adjetivações, em que o texto de Homero é profícuo. Se se procedeu a alguma simplificação lexical e sintática, tais segmentos convivem em harmonia com passagens idênticas ao do poema original. Tudo na leitura remete para a voz original, fazendo do mediador um cultor excecional do apagamento.



Herberto Helder
Poemas Completos

Porto Editora
 Depois de vários livros esgotados recentemente e de muitas corridas aos alfarrabistas, a poesia completa de Herberto Helder é agora editada num mesmo volume, com a chancela da Porto Editora. Aqui se coligem os livros integrais do autor, desde *A Colher na Boca*, de 1961, até *A Morte Sem Mestre*, de 2014.



Pedro Almeida Vieira
Nove Mil Passos

Planeta
 Com as edições da *D. Quixote* e da *Sextante* fora do mercado, Pedro Almeida Vieira reedita na Planeta o romance onde a construção do Aqueduto das Águas Livres é o pano de fundo para uma reflexão sobre as conspirações e os não ditos da corte de D. João V. Num cenário histórico, destaca-se a espantosa atualidade das reações e vontades humanas.



Alexandra Lucas Coelho
O Meu Amante de Domingo

Tinta da China
 Segundo romance da autora, depois de *E a Noite Roda*, distinguido com o Grande Prémio de Romance e Novela da APE. Alexandra Lucas Coelho volta a questionar as fronteiras entre ficção e realidade, desmontando regras, limites e verosimilhanças ao ritmo de uma vingança onde todas as pulsões humanas parecem desembocar.



Isabel Minhós Martins, Yara Kono
ABZZZZ...

Planeta Tangerina

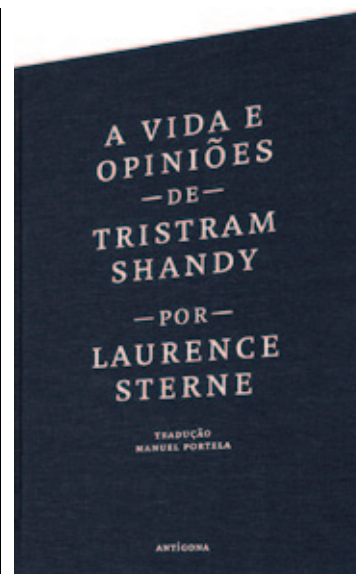
Neste Abecedário dedicado ao sono há lugar para camas, tapetes, meias perdidas, nuvens, leopardos e outros convidados. Entre provérbios adaptados, informações enciclopédicas, coordenadas geográficas, provocações e desafios, vamos percorrendo situações quotidianas de forma mais ou menos literal. O humor do texto assenta no risível, muito ao estilo da escritora, e a ilustração pontilha-o de uma ambiência naïv, transformando contexto em personagem: o sono.



Carlos Drummond de Andrade
Boca de Luar

Companhia das Letras

Originalmente publicado em 1984, *Boca de Luar* reúne crónicas escritas para o *Jornal do Brasil* e é uma amostra eloquente do génio de um autor que teve na crónica um espaço privilegiado para elevar a linguagem e o olhar sobre o quotidiano a um expoente difícil de igualar.



Lawrence Stern
A Vida e Opiniões de Tristram Shandy

Antígona

Nova edição, desta vez num único volume, de uma das obras-primas da literatura universal. Escrito e publicado entre 1759 e 1767, o livro que fez da sátira a precursora da grande literatura que haveria de produzir-se nos séculos seguintes volta a estar disponível nas livrarias portuguesas, com tradução de Manuel Portela.



Lúcia Barros (coordenação)

A Leitura como Projeto

Percursos de Leitura Literária do Jardim de Infância ao 3.º CEB

Tropelias & companhia

Neste volume apresentam-se diversos projetos de leitura literária em sala de aula que foram pensados numa estratégia de continuidade, recorrendo a eixos temáticos como elementos agregadores. Para além da fundamentação teórica, da indicação do público e das sinopses das obras escolhidas, descrevem-se as abordagens didáticas em sala e as sugestões para a leitura em família. Trata-se de um guia que potencia vários caminhos contra a leitura atomística.

GRANTA

PORTUGAL | 1

GRANTA

PORTUGAL | 2

GRANTA

PORTUGAL | 3

GRANTA

PORTUGAL | 4

GRANTA

Receba quatro números
da GRANTA em sua casa
com um desconto de 25%.

Faça a sua assinatura em
www.granta.tintadachina.pt.

PORTUGAL 54 €

EUROPA 74 €

RESTO DO MUNDO 86 €

COMO
PORTUGAL
GUARDA
ARCADE
PESSOA

RICARDO VIEL

Fátima Lopes abre uma caixa, destapa-a, e com a luva branca calçada na mão direita retira de dentro da caixa uma pasta, e de dentro da pasta um envelope transparente; e finalmente, de dentro do envelope, um par de folhas simples, de um papel de pouca qualidade. Coloca-as sobre a mesa. No canto superior esquerdo da primeira folha, escrito à máquina, lê-se: *Marcha da Derrota*. Ao lado, a lápis, numa caligrafia não muito fácil de ser decifrada, o autor escreveu: *Tabacaria*.

O cérebro demora alguns segundos para situar, organizar, o que os olhos veem: um dos versos mais emblemáticos da língua portuguesa, tantas vezes lido e escutado e comentado, mas nunca, até então, fisicamente tão real como nessa manhã de novembro de 2014. Ali estão, em papéis ordinários, os 171 versos escritos no dia 15 de janeiro de 1928 por Fernando Pessoa – e atribuídos a Álvaro de Campos – que compõe «*Tabacaria*», talvez o poema mais conhecido de um dos maiores poetas de todos os tempos.

Esse tesouro está depositado na Caixa Forte da Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa, em uma das 58 caixas (um pouco maiores do que as de sapatos) que guardam as cerca de 30 mil folhas de Fernando Pessoa que estão na posse da BNP – e que compõem grande parte do que é o espólio do poeta. Os papéis deixados por ele são muitos e os mais diversos possíveis. «Escrevia com o que tinha na mão», resume Fátima Lopes, responsável pelo Arquivo da Cultura Portuguesa. São folhas de todos os tamanhos, tipos (quadriculadas, com e sem linhas, com o timbre dos lugares

onde o poeta trabalhou) e características possíveis. «Olha a qualidade desse papel», diz a funcionária do BNP mostrando uma das odes de Ricardo Reis. A folha é quase transparente, muito delicada e fina. «É um papel muito frágil», completa.

Nesse tesouro de Pessoa estão manuscritos e datiloscritos, cartas (recebidas e enviadas) e outros documentos. Conformam aquilo que vulgarmente é chamado de «a arca» de Pessoa – por causa do baú onde o poeta guardava os seus escritos. Hoje, esse material está acondicionado da melhor maneira possível: em caixas anti-ácido e pastas especiais (apropriadas para conservar os documentos), em condições climáticas excelentes e sob forte segurança. Para que um documento seja retirado da Caixa Forte da BNP – onde além dos papéis de Pessoa estão outros tesouros como os escritos de Eça de Queiroz e Camilo Castelo Branco – é preciso que pelo menos três funcionários estejam presentes. Também é imprescindível uma autorização prévia para que o documento seja retirado da Caixa Forte – como aconteceu com os papéis que Fátima mostra à *Blimunda*. Apenas em situações muito especiais os documentos saem do edifício, e quando isso acontece são sempre acompanhados por um funcionário da biblioteca.

Nem sempre foi assim. Durante décadas os documentos estiveram guardados pela irmã de Fernando Pessoa sob condições que seguramente não eram as ideais. Também foram manuseados por tantas pessoas – editores, pesquisadores, interessados, curiosos e familiares – que é absolutamente impossível saber a ordem em que foram deixados pelo poeta quando morreu (1935).

Em 1979 o Estado português comprou a quase totalidade dos

COMO PORTUGAL GUARDA A ARCA DE PESSOA

FOTOGRAFIAS **TÉO PITELLA**

E3/51-80-806

E3/51-98-99

E3/51-93-97

E3/51-85-92

E3/51-83-84

E3/51-84-82

E3/51-83-73

E3/51-54

E3/51-45-60

E3/51-41-43

E3/51-9-10

E3/51-8-8

R.R. ✓
Bates p. *Peripoma* a solo. Cole
Bates *Peripoma* a solo. Cole
Nash *Peripoma* a solo. Cole
Foss *Peripoma* a solo. Cole
Cade *Peripoma* a solo. Cole
Toss *Peripoma* a solo. Cole
Jette *Peripoma* a solo. Cole

6/4/193

Aqui, ante omissão de dados
onde não se encontra a data, há de
ser, em se possível, dada a data em
que foi o primeiro.
Como de pois se trata a alguns
filos, em alguns, há de se dar a data
e cada encargo a *Peripoma*
De de, para se ver.

(51)

FERNANDO PESSOA
100 des de Ricardo Reis
Ed. Ática

Originais - manuscritos - 44
- Dactilografados - 23
- listos -
39
106

Anti-psychic

118-46

O poeta é um fugitivo.
Fuge tão completamente
que chega a fugir que se adivinha
a presença dele por ele sentir.
Não em palavras sente.

E o poeta tem o seu carcere
Na sua vida interior,
Não os outros por ele terem,
Mas si o poeta não tem,

ilumi
Pia que no colar do poeta
há a estrutura a rosa
que a fugir da razão.
Em combate de corda

(Que é o mesmo coração
Chamado e não encerra)

(1/4/1921.
Que se chama o coração. 33/4)

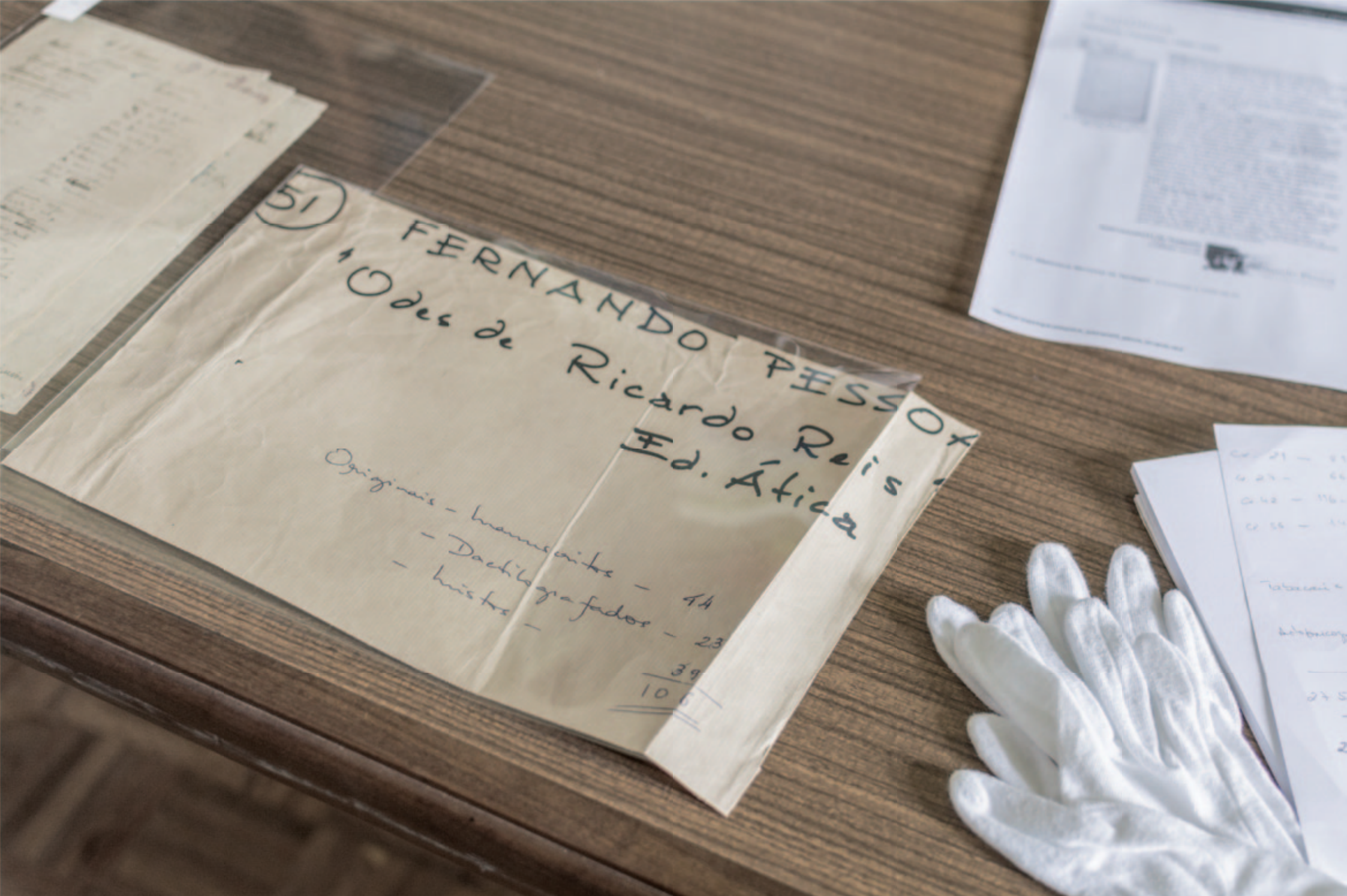


Não tenho ambições nem desejos...
Ser poeta não é uma ambição minha...
É a minha maneira de ~~ser~~ ^{expressar} a minha vida.

De meigs: + E se desejo os reys
Ser ^{poeta} arvore ou ser encanilhado
(Ou ser o utamho todo
Para andar espalhado por toda a encosta
A ras unites, coisa feliz ao mesmo tempo),
É os porque ^{ser} arvore ao pôr-do-sol,
Ou quando semo unives para o arão por cima do lag
É como um silencio pela heva feita...

Quando me sento a escrever versos
Ou, passeando nos canchinhos ou pelas atalhas,
Bebo versos n'um papel que está dentro do meu pensamento,
Sinto um cajado nos mãos
E vejo o recorte de um
No cimo d'um outeiro,
Ou para o meu utamho e vendo os acenhas idios,
Ou para os unives idios e vendo o meu utamho
E ^{razamento} como quem não comprehende
E ^{que} que comprehende...

... me leem,
... pen largo
... ha porta
... no ~~no~~ cimo do outeiro...
... sol,
... e' precia,
... tenham
... a abate
... ta
... de os meus versos...



documentos que representam o espólio do poeta. Ao longo dos anos foram adquiridos outros documentos que foram integrados no material guardado na BNP – a última aquisição aconteceu em 2012. Dez anos antes, em 1969, havia sido criado um grupo que tinha a tarefa de inventariar pela primeira vez o espólio de Fernando Pessoa (naquela altura na posse dos familiares do escritor).

O trabalho de armazenamento dos papéis de Pessoa na BNP tiveram início em 1980. «Eu era muito jovem naquela época, tive que começar a trabalhar cedo», conta Fátima Lopes. Nessa data os manuscritos do autor de *Mensagem* foram então trasladados da casa dos seus herdeiros para a Biblioteca.

Atualmente, é cada vez mais raro que eles sejam consultados fisicamente. Desde 2010 todos os escritos de Pessoa guardados pela BNP estão digitalizados, o que permite que as consultas já não precisem ser feitas nos originais. Parte do arquivo está disponível online e outra parte pode ser consultada em alguns computadores da Biblioteca Nacional mediante prévia autorização.

Em 2009 as caixas que guardavam os papéis de Pessoa e as capas que os protegiam foram trocadas por materiais mais modernos e que conservam melhor os documentos. Em 2011 o edifício da BNP foi requalificado e a Casa Forte construída. Antes esses documentos eram guardados no depósito de Reservados, onde ainda estão a maior parte dos manuscritos e impressos raros – os «Reservados» são o conjunto de coleções de maior valor e importância patrimonial sob o cuidado da BNP. Que nunca aconteça, mas se houver um novo terramoto em Lisboa os documentos de Fernando Pessoa estarão protegidos, garante Fátima.

Embora estejam hoje preservados da melhor maneira possível, trata-se de documentos antigos, boa parte deles com cem ou mais anos de vida. Em algum momento começarão a tornar-se menos legíveis, a desaparecer. Até quando podem durar esses escritos? «Eu tenho a certeza de que dentro de muitos anos, na época dos nossos tetranetos, esses documentos estarão em condições de serem consultados», diz enfática a guardiã do Arquivo de Cultura Portuguesa. E quando isso já não for possível, restará o consolo de que virtualmente eles continuarão acessíveis. É um alento, mas perder-se-á a admiração causada pelo encontro com a realidade física, a vertigem que se sente, por exemplo, ao ler-se pela primeira vez o original do poema cujo início os leitores de Pessoa têm gravado na memória:

«Não sou nada. Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada.

À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.»

Admiração que, ao que parece, continua a acontecer mesmo depois de anos e anos de convivência com essa preciosidade. Que o diga Fátima Lopes: «As minhas mãos já não tremem como tremaram na primeira vez, mas ainda me emocionam», diz ao manusear o poema que um dia se chamou «Marcha da Derrota», mas que entrou para a história da literatura mundial com o nome de «Tabacaria».

Jerônimo
Pizarro e
Patricio
Ferrari
Dois pessoas
pelo mundo

RICARDO VIEL

Jerónimo Pizarro veio da Colômbia. O argentino Patrício Ferrari, de França – onde fazia os estudos de mestrado. Conheceram-se em Portugal há quase uma década graças a Fernando Pessoa. Ambos académicos, ambos apaixonados pela riqueza e imensidão da obra do escritor português. Mergulharam no espólio, passaram horas e horas entre manuscritos e livros da Biblioteca Nacional e da Casa Fernando Pessoa. Editaram livros em conjunto, e mais ou menos na mesma época partiram. Pizarro regressou à Colômbia onde é titular da Cátedra de Estudos Portugueses do Instituto Camões na Universidad de los Andes. Ferrari vive agora nos Estados Unidos, onde, na Brown University, dá sequência às pesquisas e publicações sobre o poeta. Mesmo longe de Portugal, continuam a respirar Pessoa e agora partilham o que sabem em outras terras e idiomas que não os do poeta criador de personalidades.

A *Blimunda* entrevistou-os sobre os mais recentes títulos que editaram e sobre o assunto que os une: o amor por Pessoa.

Jerónimo Pizarro: «O meu mar português foi o espólio de Fernando Pessoa»***Acaba de ser publicada em Espanha uma nova edição do Livro do Desassossego com organização sua. O que traz de diferente em relação às outras edições?***

Em espanhol existem edições que foram reações à primeira publicação do *Livro do Desassossego*, em 1982; edições muito imaginativas, que sugerem novas ordenações e propostas de leitura; e edições que seguem a edição da Assírio & Alvim de 1998, uma edição deficiente que, em 2008, Jaume Vallcorba admitiu retirar do mercado e substituir por uma nova. Essa substituição não chegou a ter efeito, a edição crítica do *Livro do Desassossego* saiu em 2010, e a última edição baseada na edição crítica, tirando as notas genéticas, foi publicada pela Tinta da China, em 2013. Essa edição da Pre-Textos é a primeira em espanhol baseada na edição crítica. A recente edição da Acantilado, de 2012, é uma versão «corrigida e ampliada» da edição publicada em 2002, porque só corrigida e ampliada podia voltar a circular a de 2002. A edição da Pre-Textos está organizada cronologicamente, o que permite diferenciar as duas fases de produção do livro.

Pessoa já é conhecido em espanhol?

No mundo hispânico Pessoa ficou conhecidíssimo depois da antologia de Octavio Paz. Pessoa faz parte da herança literária dos

países hispânicos há mais de meio século. Em Medellín existe um poeta que construiu uma «pessoateca». Nas livrarias da Colômbia os livros de Pessoa muitas vezes não se encontram porque chegam e duram poucos dias, desaparecem logo. Pessoa é uma palavra mágica que convida pessoas. E se não pensarmos apenas no mundo hispânico, mas na Iberoamérica, e incluirmos o Brasil, então percebemos que Pessoa é um gigante. Daniel Balderston sugere que Jorge Luis Borges é o maior escritor do século XX. Eu não sei qual é o maior. Mas suspeito que Fernando Pessoa faz parte do *dream team* literário do século XX. Talvez por este motivo, quando eu leio certos autores portugueses, e não só, tendo a pensar que eu não poderia estar a ler certas páginas se Fernando Pessoa não tivesse existido: muitos de nós somos, em parte, uma invenção pessoana.

Hoje considera-se uma espécie de «Embaixador» de Pessoa?

Não propriamente. Nunca poderia ser Embaixador porque teria que optar por uma só pátria. E nunca imaginei que a minha vida, em momento algum do meu percurso, fosse a preparação para uma nova fase. A Colômbia apenas intensificou o meu labor de tradutor. Mas, no fundo, eu sou editor, isto é, um filólogo neurótico que ama as palavras e gostaria de morar na Rua da Emenda em Lisboa. E o meu amor às palavras faz-me editar, traduzir, escrever e ensinar Literatura. E tanto preciso de Pessoa como de Mrožek, de Vallejo, de Sterne, de Guimarães, de Dickinson, de

Cervantes e de tantos mais. Ora, na Colômbia sou o titular de uma Cátedra do Camões, I.C., e sempre que estou a agir como titular dessa cátedra sinto uma responsabilidade que me apaixona: divulgar Camões, Mendes Pinto, Eça, Almada, O'Neill, Sophia, Saramago, *et al.* *You name it.* E ainda músicos, editores, arquitetos, ilustradores e diversos representantes das múltiplas manifestações que conformam a idiossincrasia portuguesa no mundo.

Como e quando foi o seu encontro com os manuscritos de Pessoa?

O meu primeiro contacto foi em 2003 e foi um naufrágio. De facto, como explica Arlette Farge (*Le Gout de l'archive*, Paris, Seuil, 1997), sempre que falamos num arquivo parece que pensamos numa imensidão aquática. Há fundos, há imersões, há afogamentos. O meu mar português foi o espólio de Fernando Pessoa; e nenhuma vida é suficiente para circum-navegar um mar tão vasto e tão complexo.

Hoje em dia já não há mais a necessidade de aceder fisicamente aos documentos. Tem saudade de vê-los, de tocá-los?

Estão digitalizados, sim, mas não plenamente disponíveis. Quem quer consultar o material digitalizado tem que ter um cartão de utente de uma biblioteca que fica perto da Alameda da Universidade. E quem quer consultar o que está com a família do escritor

tem que ter um certo «dom». Mas o pior não é isto: é que muitos técnicos e académicos não percebem que para editar Pessoa é imprescindível consultar os documentos físicos. Há ignorantes instruídos mesmo entre aqueles que estudam as materialidades da literatura... Mas prefiro fechar com uma nota sentimental. Sinto, sim, mais do que falta, saudades dos autógrafos pessoanos, e daí que uma visita a Lisboa quase sempre incluía uma visita ao espólio de Fernando Pessoa. Para mim, a topografia de Lisboa estaria incompleta sem a topografia desses papéis. Como quem ama perder-se nas ruas de uma cidade, eu amo perder-me nos traços escritos desses documentos. «Mar sonoro, mar sem fundo, mar sem fim».



**Jerónimo Pizarro
e Patrício Ferrari**

Patrício Ferrari: Levar a poesia de Pessoa a outros sítios

Em setembro foi publicado um livro de poemas de Pessoa em francês editado por si. É a primeira vez que se publicam os poemas franceses? Qual foi o critério de seleção?

Essa edição reúne, pela primeira vez, todos os poemas franceses de Fernando Pessoa, acabados e inacabados. A edição conta com 183 textos dos quais 77 são inéditos. Pessoa estudou francês na Durban High School mas nunca viveu em França, lia em francês (os numerosos livros em francês na sua biblioteca particular são testemunho disto) e escrevia em francês. O livro agora publicado tem poemas de Pessoa escritos em francês e algumas traduções feitas por ele de poesias de António Botto. Há alguns poemas em francês de Alexander Search e um poema de Ardrèce Augradi. Há ainda um poema em francês escrito mediunicamente por Pessoa.

Se há países onde Pessoa já é um «velho» conhecido, em outros começa a ser descoberto. É o caso da França? Que relação têm os franceses com Pessoa?

Concordo. Para além da Espanha, Itália e Alemanha, a França é o país na Europa (fora Portugal, naturalmente) onde Pessoa é mais lido. Uma das razões, para além do fascínio da pluralidade Pessoaana, é a divulgação de Patrick Quillier – enquanto editor-tradutor.

O Patrício agora está nos Estados Unidos. Continua a investigar sobre Pessoa? Em que projetos está envolvido?

Continuo a trabalhar nos manuscritos de Fernando Pessoa. Estou na Brown University há um ano e continuo a trabalhar sobre Pessoa. De facto, nos dias 17-18 de abril do próximo ano organizo um colóquio sobre a poesia inglesa de Pessoa: «Inside the Mask: The English Poetry of Fernando Pessoa.» A maioria dos convidados serão não-pessoanos – especialistas em literatura anglo-americana (Thomas Wyatt, William Shakespeare, Walt Whitman, entre outros). O meu projeto de pós-doutoramento – para além da poesia francesa – é uma edição crítica da poesia inglesa inédita de Pessoa. Não só há quantidade mas qualidade.... *The readers will judge.*

Recorda a primeira vez que viu os manuscritos de Pessoa na Biblioteca Nacional de Portugal? Como foi esse primeiro encontro? Nessa altura ainda se manuseavam os papéis ou já havia uma plataforma digital?

Foi em 2006, nos Reservados da Biblioteca Nacional. Nessa altura ainda podíamos consultar diretamente os originais. Recorde-me de ver num mesmo manuscrito notas, fragmentos e versos em três línguas (português, francês e inglês). Mas eram textos que nunca tinha lido – que ainda não tinham sido publicados. Passei anos nos Reservados e na biblioteca particular de Pessoa (na Casa

Fernando Pessoa), a qual deve ser considerada outro espólio já que muitos dos seus livros se encontram com anotações, traduções e versos.

Continua a disseminar a obra de Pessoa, mas agora em outros idiomas que não o português e em outras terras que não Portugal. Sente-se uma espécie de embaixador pessoano? É um objetivo seu levar Pessoa a lugares aonde ainda ele não foi descoberto?

25 No ano passado estive no Brasil, na Estónia e na Suécia, participando em congressos e seminários. Também graças a um convite do embaixador de Portugal dei uma Conferência sobre Pessoa na Feira do Livro de Gotemburgo.

Em 2015, para além do colóquio na Brown dedicado à poesia de Pessoa em língua inglesa, teremos a publicação de um livro editado por mim e pelo Pizarro sobre o leitor e escritor Fernando Pessoa. Pessoa leva-me e eu levo a Pessoa. Na Suécia tenciono divulgar a poesia (portuguesa, francesa e inglesa) de Pessoa junto a poetas/tradutores locais. Espero fazer a mesma coisa nos EUA. Em ambos os países, quando falamos de Fernando Pessoa, as pessoas só conhecem o *Livro do Desassossego*. Pouco a pouco gostaria de introduzir a poesia, mas a poesia nas três línguas (línguas, de facto, que Pessoa utilizou até ao fim da sua vida).

BANDA DESENHADA:

SARA FIGUEIREDO COSTA

**NOVO
FOLEGO
EM TRES
NOVOS
LIVROS**

A edição de banda desenhada em Portugal

tem passado por euforias e recessões dignas de uma montanha-russa. Se os textos de balanço que a Bedeteca de Lisboa publicava (quando a Bedeteca de Lisboa ainda tinha programação própria e alguma autonomia, antes de a tutela camarária ter colocado um ponto final nesse trabalho) no final da primeira década deste século revelam um decréscimo anualmente acentuado, depois de alguns anos de crescimento eufórico, os últimos anos voltaram a ser de pouca colheita. Em 2013 notou-se de novo o aumento de livros editados em português, e sobretudo o aumento da sua visibilidade nas livrarias, na imprensa e junto do público, não apenas do pequeno nicho dos fãs, mas essencialmente do público generalista. Este ano, a tendência intensificou-se e as edições mais recentes, aproveitando o Amadora BD como espaço comercial relevante, revelam uma diversidade temática e de linhas editoriais que só pode enriquecer o panorama. Entre os vários títulos publicados nos últimos meses, escolhemos três que, valendo cada um pelo trabalho que propõe, acabam por ser algo representativos de uma diversidade editorial que só pode beneficiar o mercado e os leitores.



Copacabana Lobo e Odyr Polvo

Copacabana é o primeiro álbum desenhado por Odyr, resultado de sete anos de avanços e recuos de Lobo, o argumentista, até ter encontrado o desenhador que haveria de dar traço, corpo e volume à narrativa que o bairro carioca tinha plantado na sua cabeça. Várias histórias compõem este livro, tantas quantas as personagens que se cruzam nas ruas e na noite, cenário privilegiado destas pranchas onde o traço sujo e carregado, por vezes de tal modo que as fisionomias se misturam sem que seja possível distingui-las, serve sem enganos o ambiente que procura representar.

No centro da narrativa está Diana, uma prostituta entre as muitas que trabalham no bairro, orientando a vida entre um quotidiano profissional tão agreste como se imagina e uma rotina que se constrói com as preocupações de quase toda a humanidade: garantir o sustento diário, atravessar a vida sem grandes complicações, fugir de problemas. E problemas são o que não falta na zona mais agitada de Copacabana, porque na vida noturna é difícil es-

BANDA DESENHADA: NOVO FÔLEGO EM TRÊS NOVOS LIVROS



capar ao consumo de drogas e com as ilícitas substâncias vem a necessidade de mais dinheiro, as relações atribuladas com quem controla o tráfego, os esquemas com a autoridade, repressiva e cúmplice a um só tempo.

Diana é o fio condutor que leva esta narrativa pelas ruas de um bairro e um tempo, entre boîtes de má fama e uma praia frequentada, ontem como hoje, por todo o tipo de pessoas (parece que a praia continua a ser um dos poucos espaços democráticos no Brasil das desigualdades, e ainda assim haverá momentos em que uma ou outra zona do areal não é para todos). Para lá de Diana, das companheiras e companheiros de profissão e das pequenas histórias que a partir das suas rotinas se vão desenrolando, Copacabana acaba por confirmar-se enquanto reflexão, conhecedora e ainda assim curiosa perante o que a rodeia, sobre um determinado submundo carioca. Os clichés das mulatas de formas generosas, dos malandros com passo gingado e dos mauricinhos armados em corajosos estão todos lá, mas é sobre as pulsões que nos movem a todos e sobre o modo como uma cidade e a sua respiração parecem definir a vida de cada um que Copacabana tem algo a dizer. E di-lo com tanta elegância como brutalidade.

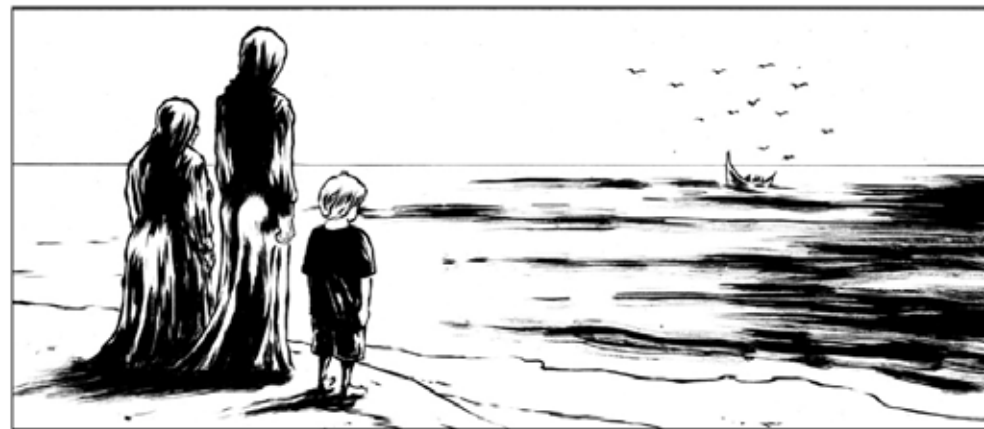
Sepulturas dos Pais **David Soares e** **André Coelho** **Kingpin Books**



um registo psicologicamente denso e atento às vertentes mais escuras e es-corregadias da natureza humana, como tem sido habitual nos seus livros, David Soares assina, com André Coelho no desenho, um álbum onde a memória se revela armadilha, mais do que mecanismo para lembrar e avançar.

Sepulturas dos Pais insere-se sem grandes desvios no trabalho ficcional que David Soares tem vindo a construir, na banda desenhada e na literatura, explorando uma ideia de passado que não se conforma no registo da «ficção histórica», antes divagando com método numa reflexão sobre o tempo, o que não muda apesar das mudanças, o que não aprendemos entre tanta descoberta. Num registo que cruza o presente de um homem com o passado que o conduziu ao ponto onde a narrativa no-lo apresenta, o livro de Soares e Coelho faz desfilar uma narrativa marcada pela pobreza,

BANDA DESENHADA: NOVO FÔLEGO EM TRÊS NOVOS LIVROS





pela falta de expectativas e, sobretudo, por uma misoginia desconfortável e brutal. É nesse cenário que o passado se desenrola, em pranchas de um preto e branco realista e quase cinematográfico, impondo um confronto entre o valor do que se conta e aquilo a que chamamos realidade. O desfecho esclarece em que ponto da vida se encontra o homem que fala sobre o seu passado, algo que a estrutura do livro alcança sem surpresa mas, ainda assim, com uma força narrativa assinalável, para a qual contribuem os planos de cada vinheta e o modo como dão corpo ao argumento.

Entre o confronto com o passado e o embate com a dúvida, *Sepulturas dos Pais* é um livro que merece o epíteto de cruel, não porque a violência surja em várias vinhetas (e surge), mas sobretudo porque o que fica da sua leitura é o reverso das boas intenções sobre histórias bonitas ou finais felizes: chegado o futuro, não há esperança que sobreviva. Possa a memória servir para manter alguma luz por entre as trevas e já teremos alcançado toda a quota de esperança contida nestas *Sepulturas dos Pais*.

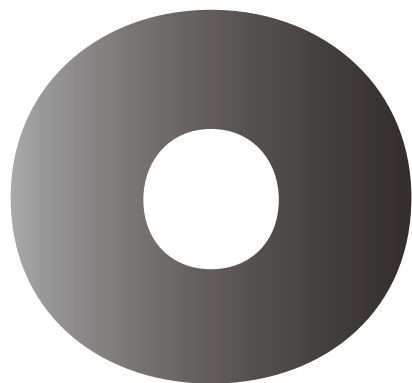
QCDA #2000

Sílvia Rodrigues

Amanda Baeza

Sofia Neto, Hetamoé

Chili Com Carne



segundo volume do *QCDA*, publicação da Chili Com Carne que oferece espaço para autores pouco editados numa escala maior, entregando-lhes a responsabilidade de pensarem e editarem cada volume, tem a particularidade de contar apenas com autoras no seu alinhamento. Olhando para o

índice, a referência tem tanta relevância quanto teria dizer que no primeiro volume apenas se publicam trabalhos de autores, homens, portanto, ou seja, nenhuma. É apenas um dado, uma constatação, mas nestas coisas sabemos que a discriminação positiva costuma funcionar como ponto de referência par a leitura, pelo que não vale a pena fingir que se ignora o facto.

Dito isto, avancemos para a leitura. Sílvia Rodrigues, Amanda



BANDA DESENHADA: NOVO FÔLEGO EM TRÊS NOVOS LIVROS



BANDA DESENHADA: NOVO FÔLEGO EM TRÊS NOVOS LIVROS

Baeza, Sofia Neto e Hetamoé partilham um volume com poucas páginas (20) mas de grande formato (A3). Quem está familiarizado com as publicações da Chili Com Carne poderá estranhar a capa, uma miscelânea colorida de personagens femininas que podiam ter saído de um episódio mais violento da *Candy, Candy* que serve de porta de entrada para a última história, assinada pela mesma autora da capa, Hetamoé. Num registo gráfico que açambarca referências da banda desenhada japonesa mais pop, onde se incluem meninas com lacinhos, ténis decorados e *emoicons* fofinhos, Hetamoé cria uma narrativa a partir de fragmentos, imágéticos e verbais, escondendo uma rudeza romanceada no cenário *lollypop* nipónico onde parece mover-se com tanto à vontade como capacidade de ironizar.

Sílvia Rodrigues trabalha com formas fluidas e generosas, compondo personagens que parecem dançar, mesmo que não se movam. Uma personagem feminina mostra-se em dois cenários que são a alternância de uma vida pacata com os momentos de fuga que pode permitir-se. O potencial narrativo condensa-se numa espécie de instantâneo quotidiano, um contraste entre espaços, vivências e estados de espírito. *The Story of a Karaoke Diva* será uma ficção, mas o registo que faz de um dia a dia banal podia ser documentário de várias existências contemporâneas sem voz nem espaço para tomar a palavra.

Nas quatro páginas de Amanda Baeza reconhece-se uma aten-

ção cirúrgica ao trabalho de composição da prancha, explorando a representação de espaços e tempos simultâneos e fugindo da rigidez das vinhetas sucessivas com estratégias (as diferenças tonais, a mancha de tinta, a composição) que quebram a regularidade, complexificando a narrativa.

Sofia Neto revisita o mito de Cassandra, desconstruindo as categorias ficcionais e questionando a importância da verosimilhança na construção de uma narrativa. No confronto entre a personagem que procura histórias verosímeis para contar e a sibila que sabe que as histórias que conta são, na verdade, prenúncios desenrola-se uma narrativa cujo eixo não é o que se conta, mas antes a tomada de consciência sobre um processo que arrasta consigo mais perdas do que oferendas generosas.

Quem souber ver na capa deste volume mais do que o seu colorido finge oferecer encontrará uma amostra significativa da qualidade e dos caminhos de experimentação e desafio que alguns novos autores portugueses de banda desenhada parecem querer trilhar.

JOSÉ SARAMAGO

CALIGRAFIA DE CADA CAPA POR PERSONALIDADES DA CULTURA PORTUGUESA



José Mattoso



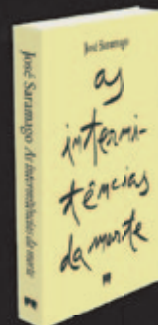
Eduardo Lourenço



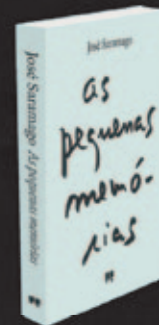
Armando
Baptista-Bastos



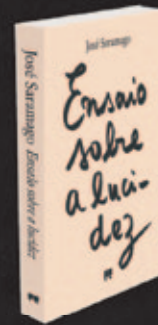
Mário de Carvalho



Valter Hugo
Mão



Gonçalo M.
Tavares



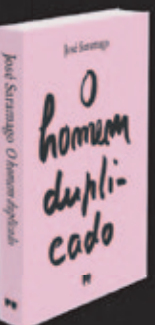
Dulce Maria
Cardoso



Álvaro Siza
Vieira



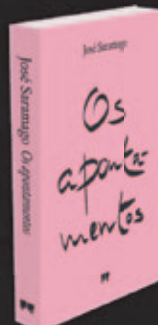
Júlio Pomar



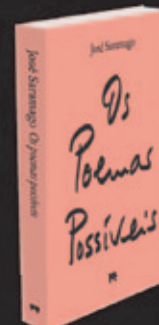
Lídia Jorge



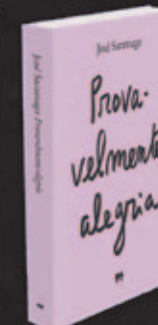
Mia Couto



Maria do Céu
Guerra



Almeida Faria



Nuno Júdice

SARA
MAGGOAT
THE
MOVIES

JOÃO MONTEIRO

A obra literária de José Saramago é aquela que em Portugal mais tem sido alvo do olhar de cineastas estrangeiros (e de um português). É, sem dúvida, o romancista português mais conhecido fora de portas, estatuto que já ostentava mesmo antes de se ter tornado o primeiro e único Nobel de língua portuguesa.

Não espanta por isso o interesse da 7.^a Arte em adaptá-lo para o grande ecrã, tornando-o deste modo no único escritor português a ser filmado por outras cinematografias. Proponho então perceber quais são as características que o seu estilo possui que facilitam a adaptação, e de seguida tentar perceber qual é a melhor maneira de adaptar Saramago ao cinema através da análise dos quatro filmes saídos dos seus romances (*La Balsa de Piedra*, *Blindness*, *Embargo* e *Enemy*).



Quando Joana Carda riscou o chão com a vara de negrilho, todos os cães de Cerbère começaram a ladrar, lançando em pânico e terror os habitantes, pois desde os tempos mais antigos se acreditava que, ladrando ali animais caninos que sempre tinham sido mudos, estaria o mundo universal próximo de extinguir-se.

1. VIAGEM A SARAMAGO

Os escritores que se dedicam à ficção científica não conseguiram, até agora, criar um mundo que se assemelhe ao nosso em teor de excentricidade. Ao ponto de me deixarem, a mim, frio e indiferente, mesmo quando carregam no pedal dos monstros verdes e monoculares ou das algas falantes. Já sou sensível às imaginações poéticas, mas isso, mais que certo, é preconceito de classe.

José Saramago, in *Deste Mundo e do Outro*

A Academia Sueca justificou a escolha de José Saramago para Nobel da Literatura 1998 «pela sua capacidade de tornar compreensível uma realidade fugidia com parábolas sustentadas pela imaginação, pela compaixão e pela ironia». A obra do escritor da Azinhaga ascendia ao estatuto de «alta cultura», aquela que o crítico Harold Bloom considera constituir o «cânone ocidental», e no qual inclui, para além de Saramago, os outros dois grandes vultos da literatura portuguesa: Camões e Pessoa. E, se as razões para a aceitação de Pessoa no estrangeiro se podem prender com a sua «costela» anglo-saxónica, o mesmo se pode aplicar a Saramago enquanto um escritor de género. Bloom destaca inclusive a sua capacidade de «tanto escrever comédias deliciosas como roman-

ces tenebrosos e melancólicos». Podemos talvez tentar perceber o apelo da sua obra junto a cineastas estrangeiros, olhando para Saramago não como uma instituição literária do século XX mas como um escritor de ficção científica, terror, comédia ou aventura.

No entanto, o escritor conseguiu sempre superar este rótulo, da mesma forma pela qual os grandes escritores sul-americanos conseguiram que as suas imaginações poéticas não fossem reduzidas a géneros específicos, permitindo que os seus livros assumam esse estatuto universal da «alta cultura». Refiro-me à corrente literária conhecida como «Realismo Mágico» cultivada por nomes como Jorge Luis Borges, Gabriel García Márquez ou Adolfo Bioy Casares. Trata-se de autores de livros fantásticos e especulativos, de grande apelo comercial mas, ao mesmo tempo, difíceis de transpor para o cinema, ao contrário da «verdadeira» literatura de género. Como se sabe, o escritor português era grande apreciador deste estilo, e as dificuldades para adaptar a sua obra para o grande ecrã são semelhantes às encontradas com as obras destes seus camaradas sul-americanos.

Há também uma acessibilidade imediata em termos de narrativa, apesar daquele toque característico que é o seu uso pessoal da gramática, ao tema do romance. Muitos dos seus livros podem ser facilmente resumidos numa breve e apelativa sinopse, num simples «E se?». Uma autêntica fórmula milagrosa para vender um filme antes de estar feito. Por exemplo: «E se a Península Ibérica se soltasse do continente europeu e andasse à deriva?» (*A Jangada*



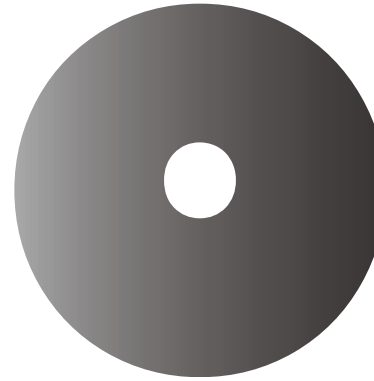
Entre as mil notícias, opiniões, comentários e mesas-redondas que ocuparam, no dia seguinte, jornais, televisão e rádio, passou quase despercebido o breve comentário de um sismólogo ortodoxo, Gostaria bem de saber por que é que tudo isto se passa sem que a terra trema [...]

de Pedra); «E se a população mundial ficasse subitamente cega?» (*Ensaio sobre a Cegueira*); «E se toda a população votasse em branco numa eleição?» (*Ensaio sobre a Lucidez*). A revista *Vértice* publicou há uns anos um artigo da autoria de Teresa Sousa de Almeida intitulado «Estranha Viagem ao Mundo da Ficção Científica em Português», onde se analisava o boom de literatura deste género na década de 80 em Portugal. Fora dos nomes que se inserem intencionalmente nesta categoria, a autora destaca dois, que por mais que tentem não conseguem escapar à contaminação do género: Mário de Carvalho e, obviamente, José Saramago. Se formos a ver, o próprio aponta nesse sentido quando impõe nos seus títulos uma marca de género, seja ele evangelho, memorial, ensaio, história, etc. Se juntarmos tudo isto à sua capacidade inata para contar histórias (e o apelo comercial do Prémio Nobel por cima), tornar-se-ia difícil à indústria do cinema continuar indiferente ao seu nome. Teresa Sousa de Almeida, que usa a citação que figura no início deste artigo, distancia-se de uma leitura polémica da sua obra, convidando os leitores à discussão deixando uma pista chamada «A Jangada de Pedra».

2. NOBEL-EXPLOITATION

Os olhos olham, e por verem tão pouco, procuram o que deve estar faltando e não encontram.

José Saramago, in *A Jangada de Pedra*



pré-Nobel português sempre se mostrou avesso a adaptações da sua obra ao cinema. «Talvez eu não saiba dizer porquê, mas a verdade é que aceito mais facilmente que se teatralize um romance meu.» O que aconteceria em 1998 – o ano Saramago – quando foi levada à cena em Milão a ópera *Blimunda*, a partir de *Memorial do Convento*. Isto apesar das longas conversações com o italiano Bernardo Bertolucci que queria filmar o mesmo romance. «Aceito muito melhor isso do que aceitaria (e até agora não aceitei e não creio que venha a aceitar) a adaptação de romances meus ao cinema.», disse em entrevista. «A teatralização do *Memorial do Convento* não “concorre”, não entra em competição com o romance. Mas o cinema sim, entra; aí é que está a diferença.»

O francês, radicado na Holanda, Georges Sluizer foi o primeiro a conseguir quebrar a sua resistência. Sluizer havia lido *A Jangada de Pedra* em 1995. Em entrevista disse: «Devorei-o em dias. Fui sensível ao tom mágico e senti-me próximo das posições políticas de Saramago.» Apesar de a sua vontade ser anterior à atribuição do Prémio Nobel, só conseguiu avançar com o projeto em 1997, um ano antes do anúncio. Como seria óbvio, procurou primeiro financiamento em Portugal, mas viu este ser



Joana Carda não sabe e não pode dizer mais, Estava o pau ali no chão, fiz um risco com ele, se por tê-lo feito é que estas coisas acontecem, quem sou eu para o jurar [...]

negado e inclusivamente ser acusado de «neocolonialismo» pela comunidade cinematográfica portuguesa. «Foram tantos os realizadores e produtores portugueses que disseram publicamente “Como é que ele se pode atrever? Imaginem, a roubar o nosso Nobel!”», desabafou Sluizer. Negado financiamento pelo Estado português, virou-se para as multinacionais e o filme seria coproduzido pela Lusomundo (Portugal), a MGS Films (Holanda) e a Sogecine (Espanha). Este último era o principal financiador, razão pela qual o filme acabou falado em espanhol. Faltava contudo o obstáculo mais resistente: o próprio José Saramago. O escritor recebeu o guião no mês em que soube do Nobel e só aceitou receber a visita do realizador na ilha de Lanzarote após alguma insistência. «Começámos a conversar, mas não muito. Aos poucos, começou-se a estabelecer um clima de confiança.» Seguiu-se um cuidadoso casting apostado no mercado ibérico e sul-americano, encabeçado pelo veterano ator argentino Frederico Luppi, cuja carreira tinha sido revitalizada por Guillermo del Toro em *Cronos*, pelos portugueses Diogo Infante e Ana Padrão e pelos espanhóis Gabino Diego e Icíar Bollaín. As filmagens seriam divididas entre Portugal e Espanha.



antes de prosseguir, convém saber quem era este Georges Sluizer e como é que conseguiu algo de que Bertolucci, um nome de maior peso, não foi capaz. Para os leigos, o nome de Sluizer nada diz, para os cinéfilos significa apenas um dos melhores filmes de terror europeus da história do género: *Spoorloos*, de 1988. Conhecido em Portugal como *O Homem que Queria Saber*, este exercício supremo de terror psicológico relata o fatídico destino de um jovem casal às mãos de um lunático. Um dos seus maiores admiradores era Stanley Kubrik, que o achava superior ao seu *Shining*. O norte-americano tinha por hábito, sempre que apreciava muito um filme, pedir o contacto do realizador e ligar-lhe do nada para conversar sobre aspetos técnicos do filme. Sluizer recebe uma noite uma chamada destas. A conversa correu tão bem que Kubrik queria até usar a atriz do filme, Johanna ter Steege, num dos seus projetos falhados, *The Arian Diaries*, sobre a Segunda Guerra Mundial. Também a indústria americana reparou no filme de Sluizer, e propôs-lhe a realização de um *re-make* em Hollywood. *The Vanishing*, de 1993, tem no elenco Kiefer Sutherland e Sandra Bullock no papel do casal, e Jeff Bridges a



[...] que diremos dos milhares de estorninhos que acompanharam durante tanto tempo a José Anaiço, só o deixando na hora de principiar-se outro voo.

desempenhar o lunático. Porventura devido a pressões da 20th Century Fox, esta versão tem um *happy end* – o ensaio acerca da banalidade do mal do original é transformado num *thriller* banal com grandes estrelas de cinema. O projeto seguinte de Sluizer, desta vez um filme independente onde teria maior liberdade criativa, viria a ser o último projeto do ator principal, River Phoenix. A produção de *Dark Blood* foi cancelada a meio quando Phoenix morreu subitamente de falha cardíaca por abuso de substâncias. Como no mercado americano não se pode ter azar, Sluizer tornou-se num nome tóxico, associado a tragédias. Foi o fim prematuro do sonho americano. Os anos que se seguiram viram a sua saúde deteriorar-se mercê das suas batalhas hercúleas para conseguir financiamento na Europa que lhe recuperasse a carreira que havido deixado no início dos anos 90. Estas batalhas levá-lo-iam a procurar outras fontes, e assim dá-se início à sua «aventura portuguesa» que começa em 1996 quando realiza, em parceria com Carlos da Silva, a comédia *Mortinho por Chegar a Casa*. É no seguimento deste filme que Sluizer resolve adaptar o ainda pré-Nobel Saramago em Portugal.



daptar um romance que tem como ideia a separação física da Península Ibérica da Europa enquanto parábola política, fenómeno que atrai cinco indivíduos com poderes especiais (e um cão) uns aos outros sem explicação aparente não é tarefa para filmes de baixo orçamento. Mas Sluizer persistiu e foi fiel à sua crença de «fazer o meu filme, e não limitar-me a filmar o livro». Mas, neste caso, parece evidente que as falhas do filme – os pobres efeitos digitais, a pouca convicção dos atores, o tom demasiado teatral – são prova das dificuldades de Sluizer em criar uma unidade numa produção fragmentada em três países. O resultado é algo desconexo e dá a entender as dificuldades em transformar o texto em guião. Saramago disse das suas personagens: «Fora disso não os descrevo fisicamente, não digo se são formosos ou se são feios. São pessoas nada mais!» Trata-se de um convite ao leitor para participar na criação desses personagens; ultrapassado este desafio quem lê sente-se mais motivado a suspender a sua descrença e aceitar todas as ideias que o autor lhe lance no caminho. No cinema é, obviamente, diferente. É preciso muito mais para que os espectadores acreditem naqueles corpos e caras que se apresentam defronte de si. Ao cinema é exigido muito mais.



Quis José Anaiço lançar água na fervura dos risos que a sugestão de Maria Guavaira levantara, e propôs que fosse dado ao cão o nome de Constante, tinha lembrança de haver lido esse nome num livro qualquer [...]

A crítica portuguesa não é de se deixar impressionar por estes esforços e ignorou o filme como se se tratasse de um produto nem sequer digno de série B. A associação ao cinema também classificado de *exploitation* não é descabida e o filme até poderia ser descrito como um *road-movie* ibérico, com super-heróis mágicos e algum conteúdo erótico, se o seu orçamento não tivesse sido considerável – cerca de 5 milhões de euros. Talvez se o filme tivesse assumido mais o conteúdo irónico do material de origem, então, as cenas mais bem conseguidas como a passagem de Gibraltar por Portugal depois de se ter soltado de Espanha, repleta de ingleses alcoolizados em completo êxtase por deixarem Espanha, estariam mais bem acompanhadas. Mas, pelo menos, esta *Jangada de Pedra* não envergonhou Saramago que foi à Holanda para a estreia mundial, onde afirmou «Escrevi um livro, George não me traiu, porque encontrou a alma e o sentido». O realizador acrescentaria: «Mostrou-se particularmente satisfeito por eu ter conseguido captar a alma do livro, e agradeceu-me por não ter tornado tudo numa daquelas aventuras de catástrofe que Hollywood gosta de produzir.» Aqui jaz a principal razão pela qual o Nobel português nunca quis ver os seus livros em filmes.

Noutra entrevista confessou: «Mas provavelmente eu não aguentaria ver a Madonna, para dar um exemplo bastante disparatado, a representar a Blimunda ou a Maria Madalena, num filme.»

Voltando a Sluizer para terminar. A morte súbita de River Phoenix foi uma tragédia que o abalou profundamente: «Fiquei deprimido, vazio, sem vontade de continuar. Tantos anos a ver crescer algo que não podia ser terminado... Durante anos não vivi. Sobrevivi.» Segundo o próprio, o livro de Saramago teria um profundo efeito na sua recuperação, o que pode explicar a sua persistência quase obstinada em terminar o filme apesar de todas as contrariedades. Mas, durante a sua vida, o fantasma de Phoenix continuaria a atormentá-lo. Sluizer, octogenário e já com muitas dificuldades de locomoção, resolve terminar *Dark Blood*. Tinha guardado os negativos originais do filme à revelia dos produtores e para as cenas que faltavam de River convidou o irmão, Joaquin, a substituí-lo. Este recusou, assim como toda a família Phoenix, qualquer envolvimento. Mesmo assim, contra tudo e todos, Sluizer consegue terminar o filme 19 anos depois. *Dark Blood* teve antestreia mundial no Festival de Berlim de 2013, tendo prosseguido num périplo pelo circuito mundial de festivais. O último foi em Bruxelas, este ano, que contou com a sua presença. Seis meses depois, em setembro de 2014, Georges Sluizer parte deste mundo de espírito apaziguado.

O FUTURO
JÁ PASSOU
POR AQUI
HARRY POTTER

ANDREIA BRITES

Harry Potter™

HEROES & VILLAINS

The Royal Mail Stamp Collection



REINO UNIDO



Artur Andrade tinha 17 anos quando foi editado em Portugal o primeiro título da saga Harry Potter. Estávamos em 1999. Mas não foi nessa altura que teve contacto com o último grande herói da literatura juvenil universal. Dois anos mais tarde, por altura da adaptação cinematográfica de *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, o irmão da namorada, que teria cerca de 15 anos, sugere-lha. Aí começa a descoberta e o interesse deste leitor intermitente. Depois de ver o filme, Artur decide comprar o segundo volume da saga, *Harry Potter e a Câmara dos Segredos*, que começa a ler. Acontece então a estreia do segundo filme e o jovem abandona a leitura, trocando-a pela adaptação. E desilude-se: «O que tinha lido do livro era melhor», recorda. «O mais interessante era a forma como imaginava a história na minha cabeça.» A partir desse momento, compra todos os títulos, seguindo escrupulosamente a regra de primeiro ler o livro e só depois ver o filme. A recordação que tem dessa leitura é a da voracidade do entusiasmo: «Comprei os livros que já tinham saído e li-os em meia dúzia de dias.»

Até se deparar com a coleção de J. K. Rowling, Artur não era um leitor regular. Não tem grandes memórias de ler na adolescência. Talvez um ou outro livro de Banda Desenhada. E a coleção

Arrepios. O que mudou, então, com Harry Potter? «Fiquei entusiasmado com a continuidade. Os livros conseguiam manter o interesse pela história. Satisfazia-me ler cada livro, que me deixava muitas expectativas para o seguinte.» No ISCTE, partilhava com os colegas do curso de Informática e Gestão de Empresas o entusiasmo com a personagem e a intriga misteriosa. Conversava-se animadamente sobre o feiticeiro mais famoso de Hogwarts nos corredores da faculdade. O seu título preferido tem uma justificação pertinente: *Harry Potter e o Cálice de Fogo* evidencia uma «inflexão para um público de uma faixa etária maior. Os livros deixam de ser tão infantis a partir daqui».

Com Harry Potter chegou um hábito: *O Código Da Vinci*, de Dan Brown, foi lido ao mesmo tempo. Seguiram-se outros. Artur recorda *Anjos e Demónios*, *Eragon*, *Os Capitães da Areia*, e *Millennium*, de Stieg Larson. Lembra-se de comprar um livro de viagens de Gonçalo Cadilhe, porque estava em trabalho em Angola, e o livro traçava uma rota que passava precisamente pelo litoral deste país.

Hoje Artur não lê. Passaram mais de dez anos sobre um hábito que o assolou com avidez e que agora quase se apagou. Não voltaria a ler Harry Potter, nem mesmo se, por alguma inusitada razão, a saga continuasse. Já não acredita que se identificasse. No entanto, quando tivemos esta conversa não escondeu a ausência de leitura na falta de tempo. «Se não estivesse sempre agarrado



ao *tablet*, à noite, podia ler», comentou naquele tom que os leitores adormecidos ainda alimentam.

Ao contrário, Henrique Ramos é um adolescente de 13 anos ávido por boas narrativas de ação, fantasia e mistério. Sendo um leitor quase compulsivo, não cede no seu juízo crítico. *Ulysses Moore*, *Cherub*, *Percy Jackson*, *The Hunger Games* e agora *Divergente* são os principais títulos que marcam o seu percurso nos últimos dois, três anos.

Contudo, nunca leu Harry Potter. Porquê? Avaliando o estilo de livros de que gosta, poderia fazer sentido não passar ao lado deste quase clássico. A explicação é simples: «Comecei a ler um dos livros da coleção quando tinha 10 ou 11 anos, mas não era o primeiro e como não percebi bem a história não continuei a ler. Vi os filmes todos e foi através dos filmes que descobri o Harry Potter. Acho que talvez ainda vá ler os livros qualquer dia.»

A revolução dos públicos

Se Artur foi resgatado para a leitura por Harry Potter, constituindo-se como paradigma do fenómeno *Crossover* que Sandra L. Beckett fixou em *Crossover Fiction: Global and Historical Perspectives* (Routledge, 2009), Henrique terá sido contagiado pelo contexto de *marketing* que fragmentou o seu efeito de leitura, tornando-o rarefeito. Entre os dois leitores há praticamente duas décadas de permeio.

De certa forma representam o próprio percurso dos livros junto dos leitores. Claro que ao longo desta década e meia Harry Potter causou diversas experiências individuais mas, como todos os *best-sellers*, marcou uma tendência. Inês Mourão, responsável pela comunicação da Presença, a editora portuguesa da obra, explica porquê, no seu entender, Harry Potter foi importante e tão bem recebido: «Contrariamente à literatura realista, com forte ligação ao quotidiano, presente nos escaparates portugueses até ao final do século XX, Harry Potter afirmou-se como uma nova tendência introduzindo o elemento fantástico e levando “as crianças a sonharem”. Harry Potter não foi, contudo, a pedra de toque da Literatura Fantástica. Não nos podemos esquecer dos clássicos *Drácula*, de Bram Stoker ou de *Frankenstein*, de Mary Shelley e de *Tolkien*, que chegou a Portugal nos anos 80. No entanto, podemos claramente falar numa era pré Harry Potter e pós Harry Potter, em Portugal e no mundo, que impulsionou toda a Literatura Fantástica.»

Mas hoje sabemos, graças a diversos tipos de investigação, quer do ponto de vista dos estudos literários como da receção leitora, que a saga de J. K. Rowling abriu a porta a um novo estilo de escrita, mais do que um género que, como explana Inês Mourão, já existia com autonomia, diversidade e representatividade universal, de Edgar Allan Poe a Jorge Luis Borges, passando pelo incontornável *Tolkien* e, não o esqueçamos, por outro autor *best-seller avant la lettre*: Jules Verne.



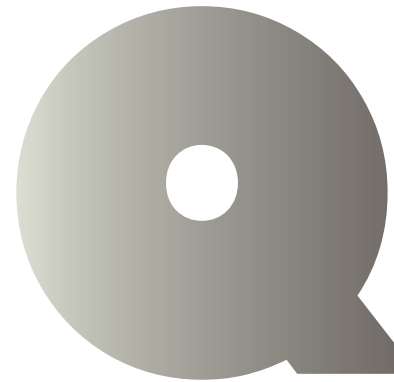
ESTADOS UNIDOS



Com Harry Potter chegou em força uma literatura cinematográfica, em que tudo e todos favorecem a ação, dos dilemas e mistérios das personagens que as obrigam a fazer, a progredir, a estar em constante movimento aos espaços que contribuem com surpresas e armadilhas, funcionando como personagens adjuvantes ou oponentes ao herói. É este novo estilo narrativo que faz a diferença, especialmente junto do público juvenil, e jovem adulto. Gemma Luch, professora e investigadora catalã, que se dedica, entre outros tópicos, à leitura na sua relação com as plataformas digitais, chama a atenção para esse fenómeno. A receção massiva de determinados títulos não deriva de uma aceitação extraordinária do género fantástico. Se assim fosse, os leitores da saga *Twilight* leriam afincadamente o *Drácula*, o que não se verifica. Não são os temas ou o género os principais ingredientes para o sucesso de vendas e sim a abordagem. A velocidade narrativa, a simplicidade das descrições, comedidas em extensão e fortemente amparadas por progressões diegéticas peçadas de indícios, alimentam personagens em conflito, heróis que se superam no risco mas não se colocam acima das tentações, hesitações e defeitos de carácter como a teimosia ou a vaidade que assolam os comuns mortais.

Esta nova abordagem terá contribuído significativamente para o *crossover* entre crianças e adultos. J. K. Rowling não cede à tentação das fórmulas de aventuras ou à composição de personagens planas e previsíveis. Apesar da abordagem mais simplificadora

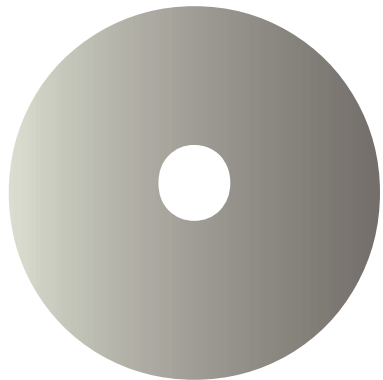
que a de *Tolkien*, por exemplo, a autora conseguiu desenvolver uma progressão psicológica das personagens e um adensar do mistério original garantindo surpresa e exigência à leitura e, igualmente, criando um efeito de verosimilhança. Por isso consegue uma flutuação massiva de público leitor que vai da criança de 9 anos ao adulto. Qualquer idade é boa para ler Harry Potter, o que tornou os livros alvos de uma partilha transversal, dentro da família, do grupo de amigos, na escola, entre professores e alunos. Houve um efeito de democratização da leitura a partir de um segmento tendencialmente marginal: o juvenil.



Quando Sandra L. Beckett reflete sobre o processo *crossover*, não ignora um histórico de obras originalmente escritas para um público juvenil que se transformaram em obras de leitura para adultos. Aconteceu, por exemplo, com *As Viagens de Gulliver* e com *Alice no País das Maravilhas*. Todavia, esta transmutação de público foi acompanhada por um reposicionamento destes títulos no cânone da literatura juvenil, sendo hoje considerados clássicos na história da literatura. De tal forma que no caso de *Alice no País das Maravilhas* abundam ensaios sobre o seu valor simbólico, psicanalítico e imagético, com diálogos eventuais com correntes literárias posteriores, como a surrealista. Isto



significa que algumas das obras que nasceram num contexto sociocultural e literário específico de uma época ganharam uma dimensão universal dentro do edifício dos estudos literários, e em consequência um lugar legitimado no cânone. De alguma forma, é este tipo de *crossover* criança-adulto que provoca tal legitimação. Haverá outras causas associadas, como a dificuldade discursiva de textos que não se posicionam num universo contemporâneo de comunicação; por outras palavras, que perderam, pela ausência de imediatas associações referenciais, os seus leitores mais jovens por dificuldade de interpretação e identificação.



que acontece com Harry Potter é algo de diametralmente oposto. O discurso que subjaz às narrativas alcança em simultâneo leitores em formação e leitores adultos com poucas ferramentas de interpretação literária. O *crossover* criança-adulto não acontece no tempo e sim em simultâneo: o livro chega aos

dois públicos com o mesmo sucesso ao mesmo tempo. No entanto, e isso talvez seja matéria de reflexão, poucos ou nenhuns fenómenos de sucesso subsequente conseguiram chamar a atenção e agradar a leitores adultos competentes e exigentes como aconteceu com os livros de J. K. Rowling. As razões não serão lineares

mas é certo que foi Harry Potter que levantou uma dúvida essencial para toda esta revolução: podemos ou não considerar estes livros como obras literárias?

A verdade é que Harry Potter vai tecendo desde o início uma intertextualidade subterrânea com a história da literatura dita para crianças. No seu livro *A Infância É Um Território Desconhecido* (Quetzal, 2009), Helena Vasconcelos integra a saga na sua conclusão. Depois de dedicar cada capítulo a obras de autores incontornáveis como Charles Dickens, J. M. Barrie, Lewis Carroll ou Mark Twain, as palavras que dedica ao herói e à trama revelam que também existe um lugar para Potter neste Olimpo. Mesmo que seja como convidado, à experiência. «Harry Potter é, provavelmente, a primeira figura de ficção na pele de uma criança/cientista que, para além disso, se desenvolve e acompanha as novidades do universo tecnológico. Mas recorde-se que este rapaz mágico e os seus companheiros, que têm crescido com os seus leitores, estão literalmente “entalados” entre o século XIX e o século XXI. A Escola de Magia e Bruxaria é um lugar com uma estrutura vitoriana – o próprio Harry Potter é uma figura do século XIX com as suas roupas e os seus óculos, Hermione é uma menina com a seriedade e a ansiedade de uma jovem vitoriana, a estrutura da sua população (espertos, marrões, vilões, aventureiros) é a de qualquer colégio – e a “magia” alimenta-se muitas vezes de truques tradicionais como vassouras voadoras, fantasmas, poções, feitiços, animais



que falam, etc. [...] Mas o mais interessante nos sete livros da saga é que Rowling usa toda a “artilharia”, mas dá-lhe uma volta – ou antes, várias voltas – para complicar as coisas. Os bons não são tão bons como aparentam, os maus tão-pouco são lineares, a ação é sujeita a reviravoltas surpreendentes e, apesar das “bruxarias” e “mágicas” – que qualquer criança que está a crescer tem de aprender, fazem parte do processo do conhecimento do mundo e da vida – as personagens são extremamente complexas e maravilhosamente humanas. [...] Para além disto Potter não tem pais – no sentido tradicional e simbólico do termo –, é órfão, e encontra a sua verdadeira família na escola de Hogwarts.»

O grande poder de transfigurar

Se Harry Potter garantiu a atenção da academia e, em consequência, um olhar merecido para a sua estrutura literária, o seu efeito sobre os leitores que avassaladoramente se transformaram em fãs não derivou unicamente dessa receita mágica de apelar silenciosamente à enciclopédia leitora dos leitores em formação, tanto quanto dos leitores adultos. O fenómeno deve-se igualmente a uma estrutura de *marketing* totalmente inovadora nos *timings* e na abordagem.

Catalogado, logo no primeiro volume, como um livro infantojuvenil do género fantástico, os editores britânico e alemão de *Harry*

Potter e a Pedra Filosofal rapidamente decidiram criar duas capas diferentes, uma para as secções infantojuvenis das livrarias e bibliotecas, outra para as secções de adultos. Esta prática já existia, mas ganha aqui um efeito muito mais visível. Quando enumera as razões para a compra dos direitos do livro, pela Presença, há quinze anos atrás, Inês Mourão relembra o seu sucesso: «Quando, em 1997, *Harry Potter e a Pedra Filosofal* foi publicado em inglês, verificou-se que um em cada três leitores não resistia a comprar o primeiro livro da série. O eco que nos chegou por parte da imprensa internacional e a lacuna em Portugal de “livros fantásticos” foi uma combinação indicativa de que deveríamos apostar na contratação da saga.» Desde logo as editoras apostaram na visibilidade e no acesso, o que rapidamente garantiu comentários e suscitou mais curiosidade que se traduziram em mais procura.

Agora que se comemoram, em Portugal, os quinze anos da 1.^a edição de *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, a Presença segue a estratégia internacional: «Atualmente temos várias ações a decorrer tanto no ponto de venda como no canal online. No ponto de venda/livrarias apostámos em novos expositores e cartazes, que divulgam o relançamento de toda a coleção. No canal online foram feitos diversos passatempos através do facebook da Editorial Presença e parceiros (livreiros, *bloggers*...). Foi ainda criado um selo comemorativo do 15.º aniversário da publicação do primeiro volume para divulgação massiva, utilizando várias ferramentas: assinatura digital, encomendas, *mailing* e autocolante (inserido em



todos os volumes da coleção). Futuramente continuaremos a promover a coleção em sintonia com as diretrizes internacionais.» De facto, nos últimos dois anos tem havido um progressivo silêncio em torno do universo Harry Potter. Não há mais livros a sair, não há mais filmes. A geração que tem hoje 12, 13 anos não teve tempo para acompanhar a evolução da narrativa e quando se podia começar a interessar, terá sido para muitos tarde de mais, porque assistiram ao último filme, e ao mesmo tempo cedo de mais, porque a complexidade narrativa do sétimo livro não se compara com a linearidade do primeiro. Poderá ser o caso de Henrique Ramos.

«Quem não aparece, esquece», sói dizer-se. Se não for recordado, Harry Potter corre o risco de se transformar numa memória nostálgica, num clássico. Na Biblioteca Municipal do Sobral de Monte Agraço, as estatísticas evidenciam-no. Entre 2002 e 2005 as estatísticas evidenciam um aumento claro das requisições, partindo de 17 no primeiro ano e atingindo o seu auge com 69. A partir deste ano, mantiveram-se altas até 2008, com um número de 33, descendo para pouco mais de uma dezena em 2009, números que se verificam até 2014. Podemos considerar que o público juvenil (utilizador da Biblioteca em larga escala desde sempre) que fez estas requisições acompanhou a saga enquanto esta estava a ser editada e que, atualmente, os adolescentes que se lhes seguiram e manifestam interesse por este tipo de leitura já não estiveram expostos aos efeitos mediáticos dos filmes, entrevistas e notícias que, por essa altura, abundavam nos meios de comunicação

e na publicidade. Isso não significa que Harry Potter tenha sido já totalmente esquecido. Na Biblioteca Municipal de Ílhavo, onde os leitores adolescentes acorrem em menor número e que abriu portas muito mais tarde, verifica-se um maior número de requisições entre 2007 e 2009, com cerca de duas dezenas de registos. No entanto, a média atual ronda uma dezena por ano o que, naquele contexto, denota uma menor discrepância do que na do Sobral. Dependendo da mediação e do acesso, a coleção continua a ser lida. Na EB 2,3 Comandante Conceição e Silva em Almada, por exemplo, os dados mostram algo intrigante: no último ano letivo houve 37 requisições dos títulos da saga, contra apenas 7 do ano anterior e 9 do ano letivo 2011-2012. Será por isso interessante voltar a comparar dados depois do lançamento das novas capas, e da consequente visibilidade a que terão direito nas livrarias, assim como nas redes sociais, em Portugal.



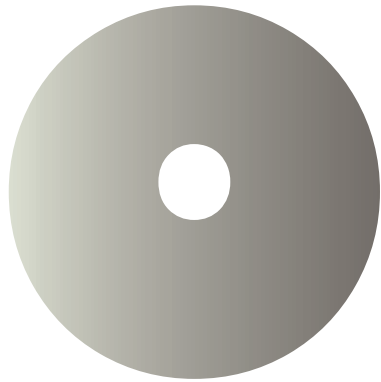
Desde 1997 a 2011, Harry Potter foi um fenómeno de *marketing* à escala mundial. Para além das adaptações cinematográficas, que granjeavam atenção através de *trailers* na televisão, *outdoors* na rua, *making offs*, houve uma exploração dos seus atores, e uma quase promiscuidade entre a personagem e a pessoa real, em entrevistas, programas televisivos e notícias de



CHINA



mexericos. J. K. Rowling soube igualmente vender a sua imagem com mestria, tornando públicos dados biográficos que faziam de si, também, uma espécie de heroína de contos de fadas. Para além disso administrava informações que alimentavam a curiosidade e o suspense em torno de cada novo livro.



lançamento transformou-se em grande evento, com filas de espera à porta de livrarias fechadas, ou aberturas fora de horas com fãs desesperados pelos primeiros exemplares. Qualquer estratégia de comunicação assente em press releases ou sessões de autógrafos foi longamente ultrapassada. Os posters dos idos de 80 e 90 eram uma gota de água neste imenso oceano. A força icónica das personagens levou a que o Royal Mail e o United States Postal Services criassem selos especiais a partir de imagens dos filmes e os produtos de *merchandising* transformaram-se em objetos de coleção. Nas lojas oficiais e noutras menos, há de tudo um pouco, desde as fardas às varinhas mágicas, pins, canecas e peluches, réplicas do comboio, bilhetes, medalhas, cadernos, jogos para consolas e computadores, puzzles, roupa e acessórios. Os filmes uniformizaram um imaginário e potenciaram essa imagem numa marca valiosa pelo seu efeito exponencial na relação do fã com o livro e o filme.

Com a estreia do último filme e o anúncio público de que não escreveria mais nenhum livro, não havia, aparentemente, como alimentar esta máquina paralela. Foi então que nasceu Pottermore.com. Ali J. K. Rowling prometia alargar o universo da escola de magia com feitiços e histórias paralelas nunca antes reveladas. Mas isso era apenas a ponta do icebergue. Se pesquisarmos no site do *The Guardian* dedicado aos livros para crianças e jovens (<http://www.theguardian.com/childrens-books-site>) pelo nome de Harry Potter encontramos diversas entradas a partir do verão de 2011 sobre o novo site, as suas valências e, novamente, declarações para aguçar a curiosidade por parte da autora. O facto é que a interatividade do portal, com *quizzes* e acesso a outros textos de J. K. Rowling, suscitou o interesse de milhões de potenciais ou efetivos leitores. A grande manobra de *marketing* aconteceu no lançamento do próprio site. Apesar de ser gratuita a navegação, o acesso requer um registo que é atualmente aceite rapidamente. Ora foi então lançado um desafio: o primeiro milhão de visitantes estaria sujeito a um *quizz* para poder aceder ao site e fazer parte desse grupo privilegiado. Falamos de um milhão de internautas, não dos primeiros cem leitores de um livro de poesia que está assinado e numerado pelo autor. Mas no vasto mundo da *world wide web* um milhão parecerá, a muitos, um número limitadíssimo. Pelos testemunhos que o *The Guardian* recolheu de algumas experiências, assim foi. Num dos relatos, a jovem adulta assume várias noites sem dormir a fazer



refresh no computador para conseguir ser mais rápida no registo. Isto tudo antes de sequer aceder ao *quizz*. Fascinante é o entusiasmo com que relata como conseguiu obter as respostas e aquelas que lhe eram mais familiares pela leitura repetida de um dos livros da saga.

É esta ligação emocional que a máquina promocional de Harry Potter tem de manter viva para continuar a vender os livros: promovendo esse universo paralelo imaginário. No entanto, os novos recursos chamam muito público para os produtos fragmentados, mais do que para os livros. Será um mal menor, se conseguirem que uma parte os continue a ler. Quando perguntámos a Inês Mourão quem eram os leitores de Harry Potter, respondeu que o seu perfil «é bastante diversificado e foge a qualquer tipificação. Encontramos jovens afeccionados a partir dos 9 anos até adultos, ou mesmo casos de famílias inteiras que apreciam a saga desde o início. Quem se mantém fiel ao universo é por regra o leitor que acompanha toda a coleção.»

O Último Herói: e depois?

Como será a próxima figura literária infantil? Quem a inventará e como a colocará no nosso mundo? Harry Potter e os seus amigos cresceram, por isso, outros terão de aparecer.»¹

Harry Potter promoveu uma revolução no panorama da literatura e da leitura: juntou a legitimação ao epíteto de

best-seller, desescolarizou a leitura, trazendo-a para tema de conversa e transformando-a num culto sem qualquer objetivo pedagógico, e assumiu-se como o último grande herói do universo infantojuvenil. Mesmo quem nunca leu a saga reconhece o nome do seu protagonista. Depois dele, outros houve. Mas nasceram, foram avidamente consumidos, e desapareceram. A velocidade gráfica e visual de Harry Potter não superou a dos livros que lhe seguiram as pisadas mas anunciou um padrão. A grande diferença, em relação ao que até hoje lhe sucedeu, foi esse casamento perfeito em descrição e harmonia entre a herança tradicional do tema, do contexto e das personagens, com esse novo estilo de escrita. Porque é inevitável que, para chegar a tantos milhões de leitores ao longo dos últimos dezassete anos (quinze em Portugal), seja necessário estabelecer uma identificação genética, muitas vezes rarefeita, subconsciente, mas rapidamente acesa numa memória, numa emoção. Crescer e ver crescer: crescer com o seu herói ajuda a criar esse efeito de identificação e proximidade. Em última análise, Harry Potter também é uma novela de crescimento no sentido da perda de inocência, da experiência de risco, do conflito e da mudança. Tal condição, suportada por todas as outras que vimos destacando, catapultou estes sete livros para o lugar revolucionário da exceção. Parabéns Harry Potter.

1. Vasconcelos, Helena, *A Infância é um Território Desconhecido*, 2009, Quetzal.

Kalandraka

Não há como escapar dos contos maravilhosos da Kalandraka. Não é só uma editora, é uma casa editorial. *Onde vivem os monstros, Os três bandidos, A toupeira que queria saber quem lhe fizera aquilo na cabeça e ainda Um pequeno crocodilo ternurento que só visto.* Onde se tecem livros com *Pezinhos de lã*, com o mesmo cuidado no texto-imagem e na imagem-texto. Livros feitos à medida para dar *Um passeio pelo parque*, ou *Pela floresta, Para fazer o retrato de um pássaro* ou para oferecer *Um presente diferente*. Livros bons, daqueles que fazem os ilustradores perder os cordões à bolsa e desejar baixinho “Um dia vou fazer um livro para a Kalandraka”. (E vou! – disse a ilustradora enquanto exclamava com satisfação *Ah! Oh!*)

Catarina Sobral
ilustradora

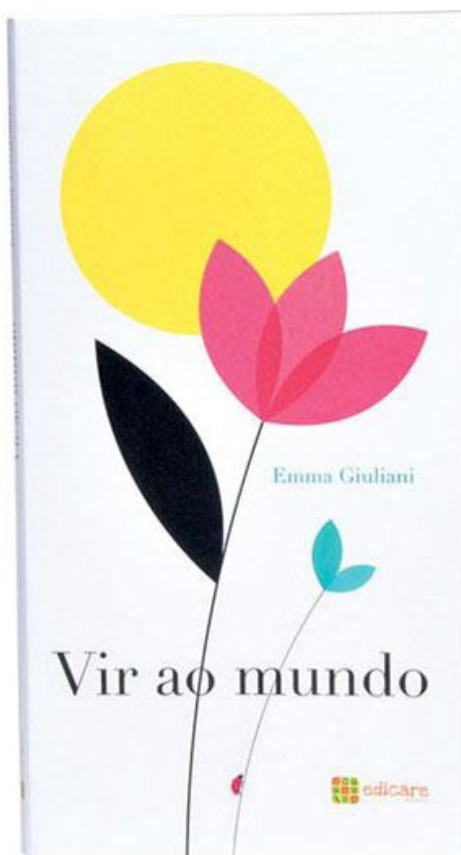


Katsumi Komagata Kveta Pacovska

Têm um ponto de partida em comum, o design gráfico. Komagata é o rigor absoluto na forma e no conteúdo, a “limpeza” total do espaço em que se espraia... Tudo é reduzido à expressão mais simples mas, ao mesmo tempo, extremamente cuidada. *Little tree/ Petit Arbre* é disso o exemplo acabado, papel, textura, cor, ilustração, tridimensionalidade, tudo feito com uma contenção absoluta. Kveta Pacovska é o oposto. Manchas de cor muito fortes, folhas cheias de elementos gráficos, vermelhos fortíssimos, prata, fundos negros, brancos e vermelhos e, no entanto, nada está em excesso. Os seus livros são uma verdadeira explosão de cor. *Hasta el infinito, Couleurs du jour* são alguns dos muitos exemplos possíveis de nomear. Em suma, um (komagata) é a expressão máxima do rigor e da simplicidade, em que nada falta, a outra (Kveta) a exuberância total em que tudo está na medida certa. A visitar sempre que possível...

Francisco Vaz da Silva
livreiro da Gigões e Anantes
editor da Bags of Books

Vir ao Mundo
Emma Giuliani
Edicare



Voir le jour é o título original desta delicada obra gráfica e poética. Ver o dia pela primeira vez; ver uma luz que é, simbolicamente, a da beleza que o brilho, as formas e a profusão de cor destas flores oferecem ao mundo. Ver a relação de ambivalência entre os elementos naturais e contar uma história, a história da vida. Todo o livro é equilíbrio, respondendo com distinção à premissa principal da retórica clássica para a arte: proporção e ritmo. Como se ergue uma flor da terra? Como nos movimentamos nós, que a cheiramos, tocamos, colhemos? A verticalidade do livro corresponde a essa perspectiva que dimensiona cada flor, permitindo observar quão fino e esguio é o seu caule, desde a capa, onde toma o lugar principal. Aqui, ligeiramente inclinada, mostra-se vulnerável à brisa, tanto como as suas pétalas respondem, abrindo-se, à luz do sol. Nem o grafismo de pendor geométrico, nem a estilização da forma e mancha de cor abalam por um segundo tal delicadeza, que o fundo branco e a ausência de contorno reforçam na sua limpidez. No interior do álbum opera-se um passo de magia que cria uma eficaz e surpreendente dualidade. Estamos perante um livro-harmónio, que se expande à medida que o exploramos,

à medida da nossa leitura. A imagem isolada de cada página tem um efeito atomístico distinto da totalidade das páginas expostas. Quando todas se desvendam, o ciclo narrativo da imagem adquire uma nova cadência e o espaço natural vai sofrendo uma metamorfose, surgindo, pelo braço de alguém, uma figura feminina em resposta à mão que oferece uma flor, e então as flores e as pessoas convivem, num diálogo que o tempo opera. Do nascimento à morte, através da observação de um narrador que somos nós, e podemos não ser.

O sentido enigmático deste livro associa-se a uma poética existencial que decorre do texto, muito breve no final de cada uma das páginas do harmónio. Centrado no verbo, o discurso poético alicerça-se numa semântica de continuidade. O uso do infinito assegura uma dimensão universal, que afasta o sujeito de qualquer individualidade e os próprios verbos oscilam entre ações finitas, que se podem repetir, e outras que não terminam, como acontece de modo sintomático, na frase final.

Ao harmónio, à contenção textual e à geometria minimalista do desenho, junta-se ainda a técnica do pop-up. E logo nos apercebemos da sua absoluta necessidade retórica.

Cumprir a função, que lhe é inerente, de esconder e revelar, mas aqui a revelação não leva o leitor para outro objeto, outro paradigma imagético, informativo, divergente ou convergente. A necessidade assenta precisamente no facto de que estes pop-ups se antecipam na forma do recorte: são todos, exceto um, flores. E essa condição não faz outra coisa senão abrir a narrativa para uma dualidade. Desvendar o que escondem corresponde a uma outra leitura, a da cor e da felicidade, da beleza e da poesia que existe, de forma imanente, no mundo. Não há dispersão nem profusão de elementos, nem de padrões. Não há um resquício de extravagância e histrionismo neste livro. Os pop-ups funcionam como recurso narrativo e poético para uma história dupla, uma experiência de leitura dual que se apresenta ora a preto e branco, quando as flores estão fechadas sobre si, ora pontilhadas pelo rosa, amarelo, lilás, azul das suas pétalas. Nesta poética de equilíbrios, as flores são protagonistas na sua existência persistente mas delicada, tão frágil como o recorte do papel. As flores representam e permitem experienciar esse mundo que se sente, que se observa, em que se participa através da ação do leitor. A reprodução do espanto que o



observador deve à beleza do mundo e ao cuidado que ela lhe deve merecer só é passível de acontecer à medida que se desdobra, cuidadosamente, o papel. Neste sentido, as flores são instrumentos da ação, e o fim em si mesmo da temática e retórica do livro. Quanto ao leitor, é ele que tem o papel de manusear, de alterar e é, por isso, um protagonista accidental. Vir ao mundo não depende dele, mas vê-lo, e procurar os melhores ângulos, isso sim. Mas haverá outro elemento, incluso à narrativa visual e consequentemente

textual, que se poderá assumir como narrador. O leitor lendo o objeto e relacionando-o com o mundo, como em qualquer processo de leitura, intervém, interage com o que o livro lhe propõe, e experiencia em função disso, numa relação única, de tempo variável, que se pode ou não repetir, de acordo com o comportamento do leitor. De certa forma, o mesmo acontece numa narrativa textual em que o leitor decide saltar uma linha, uma página, um capítulo, ou começar pelo fim. Mas este possível

narrador vive dentro da narrativa, o que faz sentido na lógica dos estudos literários. É uma joaninha, que logo aparece, discretamente, na capa, e se enquadra algures em cada página dupla, ao nível do chão, subindo a um caule, na mão de alguém, no topo de um arbusto, na ponta de uma folha... Assiste a todas as mudanças, todas as iniciativas, ao passar do tempo. O seu lugar, no final do álbum, pode fazer crer que também ela é uma personagem, que também ela, assistindo, participa na poeticidade

da vida e que as palavras são, por isso, suas. Emma Giuliani é designer gráfica e esta é a sua primeira incursão nos livros para crianças. É difícil não recordarmos, pela delicadeza do texto e do uso do papel, Bruno Munari e sobretudo Katsumi Komagata. Este livro inicial mereceu uma menção especial na categoria Opera Prima, para primeiros autores, da edição deste ano dos Prémios Bologna Ragazzi Awards.

Revista *Emília* Contra a indiferença

Na secção leitores-teoria há um novo artigo de Maria Teresa Andruetto. Partindo de Andersen e de Jella Lehman a escritora e especialista em LIJ tece diversas considerações sobre a ideia do outro. Andruetto incide sobre a revolução que Andersen opera no conto infantil quando o leva tão profundamente para os caminhos da exclusão através das personagens e das situações narrativas a que estão sujeitas. A propósito do trabalho visionário de Lehman, a autora argentina discerne sobre esse exercício de humanização que é o de alguém se colocar e escrever no lugar do seu diferente. Desmistificador e acutilante.



Espanha Prémio Nacional de LIJ

Com um título sugestivo, *Prohibido Leer a Lewis Carroll*, Diego Arboleda venceu este ano o Prémio Nacional de Literatura Infantil e Juvenil. A novela juvenil já se tinha destacado, não apenas pela crítica mas igualmente pela atribuição do Prémio Lazarillo de Criação Literária em 2012. Ilustrada por Raúl Sagospe e editada pela Anaya em 2013, a novela recupera a personagem de *Alice no País das Maravilhas* como motivo para uma narrativa irónica no jogo que realiza entre o nonsense e o sentido metafórico da realidade. Na Babar, para além da notícia sobre o prémio, pode ainda ler-se uma recensão da obra.



Prémios Jabuti Marina Colasanti volta a vencer

o Jabuti na categoria de livro infantil, desta feita com *Breve História de Um Pequeno Amor*, uma narrativa em prosa poética sobre o crescimento e as emoções por vezes contraditórias entre quem cuida e quem é cuidado. Na categoria de ilustração, Renato Moriconi foi distinguido pelo álbum sem texto *Bárbaro*, que acompanha as aventuras de um corajoso guerreiro que inesperadamente se depara com a sua própria tristeza. Finalmente, na categoria juvenil, o prémio foi atribuído a Ricardo Azevedo pela novela histórica *Fragosas Brenhas do Mataréu*, cuja ação se desenrola no Brasil recentemente descoberto pelos portugueses e o seu processo de colonização. Em terceiro lugar, nesta categoria, foi distinguido *Uma Escuridão Bonita*, de Ondjaki.



Álvaro Magalhães O regresso do Triângulo Jota

Depois de a notícia da reedição da banda desenhada infantil *Petzi* pela recém-criada Ponto de Fuga ter provocado alguma euforia nostálgica a muitos adultos, é agora a vez da coleção Triângulo Jota. Da autoria de Álvaro Magalhães, estas aventuras juvenis fazem parte de um triunvirato protagonizado por Uma Aventura, tendo O Clube das Chaves como terceiro elemento, na década de 1990. A Asa recupera agora os títulos editados com novas capas, assinadas por João Maio Pinto, e junta-lhes uma nova aventura dos três jotas. *O Clube dos Imortais* é o título do novo livro, que promete continuar a receita anterior: mistério e ação em contextos ora reais ora fantásticos. Álvaro Magalhães continua a não dar descanso aos leitores.

Saramago e Pessoa nas Ruas de Lisboa

DIA(S) DO DESAS SOSSEGO

DIA(S) DO DESASSOSSEGO

ENTRE 15 E 17 DE NOVEMBRO AS RUAS DE LISBOA SENTIRAM A PRESENÇA DE FERNANDO PESSOA E JOSÉ SARAMAGO NAQUELA QUE FOI A 3.ª EDIÇÃO DO(S) DIA(S) DO DESASSOSSEGO, ESTE ANO ORGANIZADA PELA FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO E PELA CASA FERNANDO PESSOA/EGEAC. AQUI FICAM, NAS PÁGINAS DA *BLIMUNDA*, ALGUNS TESTEMUNHOS VISUAIS DAS VÁRIAS INICIATIVAS PROGRAMADAS, COM A CERTEZA DE QUE SARAMAGO E PESSOA ESTÃO VIVOS E DE QUE PARA O ANO NOVOS DESASSOSSEGOS ESTARÃO NA RUA. A TODAS AS ENTIDADES, A TODOS OS QUE COLABORARAM COM O(S) DIA(S) DO DESASSOSSEGO, O NOSSO OBRIGADO.





***Passeio pedestre «O Ano da Morte de Ricardo Reis»,
Fundação José Saramago***

**Passeio pedestre «O Ano da Morte de Ricardo Reis»,
Casa Fernando Pessoa**

PESSOA

PESSOA

PESSOA

***Apresentação da Revista de Estudos Saramaguianos,
Fundação José Saramago***

***Apresentação da Revista de Estudos Saramaguianos,
Fundação José Saramago***



Concerto Se non ora, quando, a música perante a tragédia das duas Guerras. Por ocasião do centenário da Primeira Guerra Mundial. Teatro Nacional de São Carlos





Concerto Se non ora, quando



Leituras no Metro por atores do Grupo Éter



Leituras no Metro



***Leituras nos Ascensores do Lavra e da Glória,
por atores do Grupo Éter***



Leituras nos Ascensores



Leituras públicas, Praça Luís de Camões



Esperanza Fernández canta José Saramago, Teatro Municipal de São Luiz

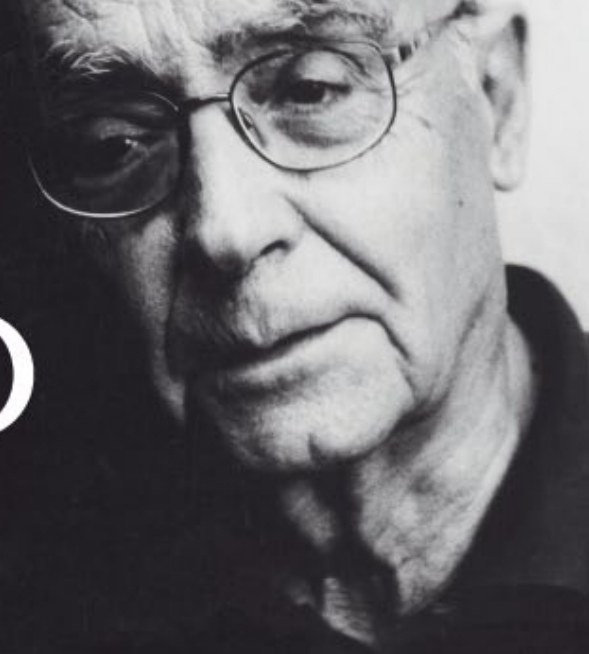


Esperanza Fernández

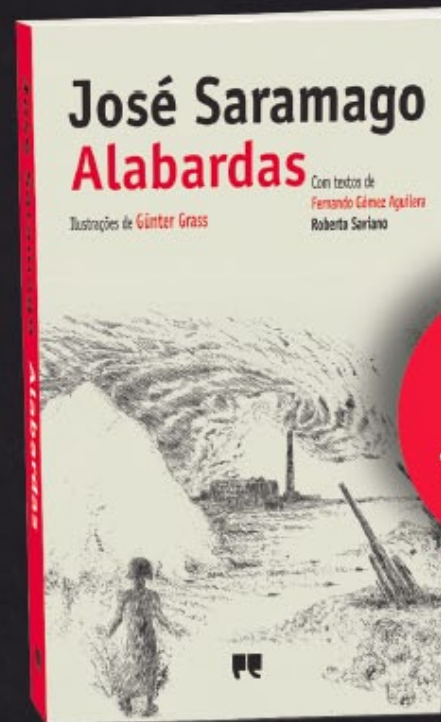
FOTOGRAFÍAS JOSÉ FRADE/EGEAC

O PRÉMIO NOBEL PORTUGUÊS CONTINUA VIVO

JOSÉ SARAMAGO



**ALABARDAS, ALABARDAS,
ESPINGARDAS, ESPINGARDAS**
Uma última viagem na sua
permanente vocação
para agitar consciências.



**LIVRO
INÉDITO**

 **Porto
Editora**
70ANOS a abrir horizontes

 **Fundação
José Saramago**

saramaguiana

EXORTAÇÃO DA PÁZ

ANTÓNIO SAMPAIO
DA NOVOA

EXORTAÇÃO DA PAZ

Permitam-me que preste este testemunho através de palavras minhas e de José Saramago, cosidas como se fossem um texto só*.

Venho dizer-vos o que já sabem. Que o ser humano é capaz das maiores atrocidades, de selvajarias sem nome, hoje ainda mais visíveis nas imagens que nos globalizam. A isto, temos chamado *desumanidade*.

Mas este ser, brutal e cruel, inventou também gestos sublimes, de elevação e inteligência, da música à matemática, da filosofia à literatura.

*Entre o homem com a sua razão, e os animais, com o seu instinto, quem, afinal, estará mais bem dotado para o governo da vida?*¹

Perguntado de outro modo: no fim, para que nos serve a razão, a consciência?

É este o enigma maior da existência humana: o terror e a consciência que dele temos, e que infelizmente dele não nos liberta.

*Vemos o abismo, está aí diante dos olhos, e contudo avançamos para ele como uma multidão de lemingues suicidas, com a capital diferença de que, de caminho, nos vamos entretendo a trucidar-nos uns aos outros.*²

E nada podemos fazer? Podemos, sim. Podemos juntar-nos em encontros de desassossego, de inquietação, de trabalho pela paz. Sem ilusões. Sem ingenuidades. Os tempos não estão para inocências. Mas com a certeza de que é preciso tornar mais forte a vontade de paz que a vontade de guerra. *Já é mais do que tempo de compreender e proclamar que a única revolução realmente digna de tal nome seria a revolução da paz.*³

Sim, a guerra é fácil. *Alabardas, alabardas! Espingardas, espingardas!* Às armas, às armas! Pum! Já está.

A guerra é fácil, a paz é que é difícil. Exige o reconhecimento do outro, e da diferença, a compreensão, a tolerância, o tempo do encontro e da palavra.

* Transcrição da intervenção proferida no Teatro Nacional D. Maria II, no dia 2 de outubro de 2014, na sessão de apresentação do livro *Alabardas* de José Saramago. As citações de José Saramago estão a vermelho e em itálico. A sua origem está identificada em notas (ver p. 80).

EXORTAÇÃO DA PAZ



EXORTAÇÃO DA PAZ

Numa guerra, nunca há vencedores. *De um lado e do outro, mata-se e morre-se. Se queres a paz, não prepares a guerra.* ⁴

Em 1914, há 66 dias e mais um século, teve início aquela que seria conhecida como a Guerra das Guerras. Como sempre, começou pelas fraquezas dos governos, pelas suas hesitações, imprudências, pelos seus apetites inconfessados. Mas diz-nos ainda Roger Martin du Gard, quando recebeu o seu Prémio Nobel: o mais impressionante foi mesmo a incrível inércia das massas pacíficas perante a chegada deste cataclismo, do qual iriam ser as principais vítimas. É esta espécie de consentimento generalizado que torna a guerra possível.

Um século mais tarde, hoje, é precisamente sobre isto que vos quero falar, quando tudo, nesta Europa, e neste país, nos indica a mesma apatia, a mesma resignação, a mesma incapacidade de encontrar saídas para uma crise que é infinitamente maior do que uma crise apenas dos dinheiros.

Quando alguém se esconde, se omite, se demite, é a sociedade toda que regride, que se abate, que cede perante a lógica dos interesses e da guerra.

O que é que se há de fazer, ouve-se por aí! Isto é tudo tão difícil, tão superior às nossas capacidades! As coisas são o que são. É a vida... *O que tem de ser, tem de ser, e tem muita força, não se pode resistir-lhe, mil vezes o ouvi à gente mais velha.* ⁵

Neste fatalismo está o pior da sociedade. A política do mesmo conduz ao mesmo. E são sempre os mesmos que vão e voltam, neste «tempo detergente».

Não podemos deixar o nosso futuro nas mãos dos mornos, dos resignados da vida. Temos de nos fazer presentes. Temos de sentir a mesma urgência do tempo que, há 40 anos, trouxe a consciência às ruas e acabou com uma guerra insuportável. É por isso que a frase de um outro Prémio Nobel, Albert Camus, tem tanta força: «Revolto-me, logo somos.» Na revolta de cada um, o futuro de todos nós.

Também do chão pode levantar-se um livro, como uma espiga de trigo ou uma flor brava. Ou uma ave. Ou uma bandeira. Enfim, cá estou outra vez a sonhar. ⁶

Sonhemos, então, com Saramago. Triplamente.

Sonhemos com um mundo livre deste império financeiro que está a destruir a economia, o trabalho e a sociedade.

Sonhemos com uma Europa que não terá como sede *Berlim, ficando Bruxelas para a burocracia e Estrasburgo para o entretenimento verbal.* ⁷ Sim, já fui berlinense, mas agora não. Porque quero uma Europa de muitos centros, e não de um centro só, um centro que nos empurra para o lugar das margens e da pobreza.

Sonhemos, enfim, com um tempo novo para Portugal. Artur Paz Semedo levou a sua vidinha o melhor que pôde, até descobrir uma pergunta maior e partir à procura da resposta. Não podemos acomodar-nos a viver num país feito dos destinos do passado: a emigração, o trabalho desqualificado, as desigualdades, a pobreza.

Aqui, onde o mar se acabou e a terra espera ⁸, não podemos esperar mais.

É triste passar a vida a tratar da vidinha, mas, pior ainda, é a promiscuidade, que traz a corrosão, a corrupção, o descrédito das instituições políticas.

Precisamos de uma nova forma de fazer política, de espaços de diálogo e de participação, de presença e de decisão, de uma política que permita a cada um ser «autor» e não apenas «eleitor».

Precisamos de unir, de reunir, as forças de mudança, que existem, mas que estão fragmentadas. Dividir é fácil. Unir é que é difícil. Mas é para isso, para unir, que precisamos de coragem, de determinação, de ideias e de ideais com futuro.

E agora trabalhar. Decisões prontas, pensamento claro. Eis o que o tempo exige de nós. ⁹

Para além destes três sonhos, temos de ver, com nitidez, todas as violências feitas ao mundo, à Terra. É nosso dever atacar os problemas maiores do ambiente e do clima, da competição pelos recursos, da insustentável espiral do consumo, da demografia e, acima de tudo, da pobreza que continua a crescer cada vez que cresce a riqueza.

EXORTAÇÃO DA PAZ

Não podemos continuar cegos. *Cegos que veem, Cegos que, vendo, não*¹⁰.

E agora, José? O que faremos com este (teu) livro?

Uma coisa é certa, não o podemos deixar incompleto. É preciso preencher as páginas que faltam, e assim continuar esta (tua) história da paz. Porque a vida só se escreve, por inteiro, quando, nela, todos nos inscrevermos.

*Tomemos então, nós, cidadãos comuns, a palavra e a iniciativa. Com a mesma força com que reivindicarmos os nossos direitos, reivindicuemos também o dever dos nossos deveres. Talvez o mundo possa começar a tornar-se um pouco melhor.*¹¹

Não podemos *morrer sem dizer tudo*¹², sem fazer tudo. Habitemos de novo a substância do tempo, este tempo que é o da nossa responsabilidade, da responsabilidade de uma geração, perante Portugal e o mundo.

É isso que nos traz aqui, hoje, a este teatro. Esperemos que seja um sinal, que seja um início... porque *as ideias aparecem quando são necessárias*¹³.

*Eles querem a guerra, mas nós não os vamos deixar em paz.*¹⁴

Recorro a José Saramago para agradecer o convite de Pilar del Río, da Fundação e da Porto Editora, e para assim juntar a minha voz a Baltazar Garzón, a Roberto Saviano e a Anabela Mota Ribeiro nesta cerimónia que é de *Exortação da Paz*.

1 – *In Nomine Dei*, p. 9.

2 – *Cadernos de Lanzarote – Diário I*, p. 26.

3 – *Caderno 2*, 7 de maio de 2009

4 – *História do Cerco de Lisboa*, p. 347.

5 – *A Jangada de Pedra*, p. 10.

6 – *Levantado do Chão*, contracapa.

7 – *Cadernos de Lanzarote – Diário II*, p. 302.

8 – *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, p. 415.

9 – Editorial da *Seara Nova*, 1 de maio de 1974.

10 – *Ensaio sobre a Cegueira*, p. 310.

11 – Discurso pronunciado no Banquete Nobel, em 10 de dezembro de 1998.

12 – «Poema à boca fechada», in *Os Poemas Possíveis*, p. 69.

13 – *Alabardas*, p. 83.

14 – Intervenção na Manifestação da Porta do Sol, em Madrid, a 16 de março de 2004.

A Viagem do Elefante

O LIVRO DE JOSÉ SARAMAGO, PUBLICADO EM 2008,
CONHECE NESTE MÊS DE NOVEMBRO UMA ADAPTAÇÃO
PARA BANDA DESENHADA, DE AUTORIA DE JOÃO AMARAL,
NUMA EDIÇÃO DA PORTO EDITORA. AQUI SE APRESENTAM
ALGUMAS PÁGINAS DO LIVRO QUE NOS TRAZ DE NOVO
A VIAGEM DE SALOMÃO DE LISBOA A VIENA.

A VIAGEM DO ELEFANTE



A VIAGEM DO ELEFANTE



A VIAGEM DO ELEFANTE



*Como assim
levantados
do chão?*

Miguel
Castro
Caldas

A Blimunda apresenta o texto teatral de autoria de Miguel Castro Caldas, criado a partir da última frase de *Levantado do Chão*, e que se encontra em cena no Centro Cultural da Malaposta. Uma ideia do Projecto Rise Up:

<http://riseupprojecto.wordpress.com/>



Põe João Mau-Tempo o seu braço de invisível fumo por cima do ombro de Faustina, que não ouve nada nem sente, mas começa a cantar, hesitante, uma moda de baile antigo, é a sua parte no coro, lembra-se do tempo em que dançava com seu marido João, falecido há três anos, em descanso esteja, é este o errado voto de Faustina, como há de ela saber. E olhando nós de mais longe, de mais alto, da altura do milhano podemos ver Augusto Pintéu, o que morreu com as mulas na noite do temporal, e atrás dele, quase a agarrá-lo, sua mulher Cipriana, e também o guarda José Calmedo, vindo de outras terras e vestido à paisana, e outros de quem não sabemos os nomes, mas conhecemos as vidas. Vão todos, os vivos e os mortos. E à frente, dando os saltos e as corridas da sua condição, vai o cão Constante, podia lá faltar, neste dia levantado e principal.²

Vão ocupar os campos agrícolas,

mas se é para haver ressurreição dos mortos então a maioria esmagadora que se levanta do chão é a que nunca teve terra. Nem há chão que receba tanto morto ressuscitado, mesmo se subtrairmos os que foram cremados que são levados pelo vento, nem sei se a lei da gravidade aguenta gravidade tanta, nem

se não vai abaixo o planeta. Não sei também como pode o dia ser levantado com tanto corpo a pesar-lhe em cima, e quanto tempo se aguenta ele assim dito, principal, para onde vai toda aquela gente e até que hora se pode esticar um dia destes,

por mais que não se queira mudar de dia, o vinte e cinco de abril não é sempre e ao primeiro de maio se seguirá o segundo de maio. Era afinal atrás do sol que esta gente viva e defunta ia,

com o cão à frente,

mas o sol acaba por morrer atrás dos montes. E se insistem em subir ao monte por trás do qual ele desapareceu para não o perderem, ele acaba por surpreendê-los pelas costas,

e são apanhados pelo dia seguinte. E era com o dia seguinte que eles não contavam,

O dia seguinte não é dia principal, é periférico, e já foi levantado pelo dia anterior. O segundo de maio é um dia difícil,

1. Como então, desgarrados da terra. Como assim, Levantados do chão? Como embaixo dos pés uma terra, Como água escorrendo da mão, Chico Buarque de Holanda, 1997.

2. Último parágrafo de Levantado do Chão, José Saramago, 1980.

*Ó camaradas, que será aquilo, parece que vem o sol a nascer,
que é isto, vem-se a acabar o mundo?* ³

*chegam à herdade das Mantas, [...] ao Vale da Canseira, às
Relvas, ao Monte da Areia, à Fonte Pouca, à Serralha, à Pedra
Grande, em todos os montes e herdades são tomadas as cha-
ves e escritos os inventários, somos trabalhadores, não vie-
mos roubar, afinal nem há aqui ninguém para afirmar o con-
trário, porque de todos estes lugares percorridos e ocupados,
montes, salas, adegas, estábulos, cavalariças, palheiros, ma-
lhadas, cantos, cantinhos e escaninhos, pocilgas e capoeiras,
cisternas e tanques de rega, nem falando nem cantando, nem
calando nem chorando, estão Norbertos e Gilbertos ausen-
tes, para onde foram, sabe-se lá. A guarda não sai do posto,
os anjos varrem o céu, é dia de revolução, quantos são.* ⁴

Quantos são não sei mas são muitos. Parecem formigas, o que
seria uma revolução de formigas. Olha aqui uma na minha mão.
As formigas a chegarem à revolução. Mas viver não é chegar.
*Oh, se viver fosse chegar*⁵. E a maneira como as pisamos, sem

3. *Uma Família do Alentejo*, João Domingos Serra, escrito entre 1972 e 1977 mas editado em 2010.

4. Obra citada, José Saramago, 1980.

5. Na canção *Chegança*, Edu Lobo/Oduvaldo Viana Filho, cantada por Zélia Barbosa, 1967.



sequer darmos conta. Ou quando nos chateiam, chegar é poisar as malas no chão, é aliviar a mochila, é esperar

Esta é a madrugada que eu esperava, disse a Sophia, O dia inicial inteiro e limpo, para a Sophia é depois de se esperar, este é o dia inicial e limpo,

Mas agora estamos no dia seguinte, deu-se a revolução do dia, estamos no segundo de maio, dia do destrabalhador,

Esta é a madrugada que eu esperava, O dia inicial inteiro e limpo,⁶

se não há trabalho é dia destrambelhado e os Latifundibertos ficam à espera a ver o que é que aquilo vai dar. Ficam na madrugada à espera da revolução do ano a ver para onde sopram os ventos. Pelo sim pelo não para-se tudo. Para-se tudo não há trabalho, é uma espécie de greve ao contrário. A greve do proprietário,

ocuparam-se as terras. Eu fui atrás ver. Parecem formigas, por ali fora, olha aqui uma, na minha mão. Ocuparam-se as terras e uma questão terá surgido,

então fica cada um com um bocado de terra? Não, nós nunca tivemos terra nem queremos ter. Nós queremos usar a terra, é só, não queremos ser donos de nada, nem de nós mesmos, porque ser dono de si mesmo é ser outra vez proprietário, quando muito queremos ser donos da nossa enxada, a enxada não é tua a enxada é de todo o mundo, mas é com ela que me habituei a trabalhar e é esta, não é aquela, é esta que é minha, se calhar até fui eu que a fiz, qualquer dia é tudo da cooperativa e eu fico nu. Eu vi, eu sei, eu vi,

antes disso os Albertos e Lambertos fugiram, *para onde foram, sabe-se lá. Ah se viver fosse chegar,* mas esse

foi um assunto que nunca se chegou a perceber bem. Foram os perisbertos saneados ou foi que lhes devolveram tudo mais tarde e eles voltaram? O que foi então? O que é certo é que antigamente era o padre Agamedes que apascentava as ovelhas assalariadas,

O vosso reino não é deste mundo, padecei para ganhades o céu, quanto mais lágrimas chorardes neste vale das ditas,

6. Em 25 de abril, Sophia de Mello Breyner Andersen, 1974.



*mais perto do Senhor estareis quando tiverdes abandonado o mundo, que todo ele é perdição, diabo e carne, ora andai lá que eu vos mantenho, debaixo de olho, bem enganados estais se pensais que Deus Nosso Senhor vos deixa livres tanto no bem como no mal, que tudo há de ser posto na balança em chegando o dia do juízo, melhor é pagar neste mundo que estar em dívida no outro.*⁷

mas hoje em dia o padre Agamedes diz esta coisa que nunca esperaríamos ouvi-lo dizer *Como eu gostaria de uma Igreja pobre para os pobres*⁸,

só que depois o Transberto retornado repete igual, Como eu gostaria de uma Igreja pobre para os pobres,

e o Xicosberto, em casa com vista sustenta que *A crise financeira mundial tem origem numa profunda crise antropológica com a criação do culto do dinheiro e a ditadura de uma economia sem rosto*⁹,

mas depois o padre Agamedes repete igual, A crise financeira mundial tem origem numa profunda crise antropológica com a

criação do culto do dinheiro e a ditadura de uma economia sem rosto e não saímos disto,

e o Xicosberto vai à varanda e diz, O que é certo é que não há maneira de pôr esta gente a trabalhar, quanto mais lhes pagamos menos eles trabalham,

e o padre Agamedes repete da sua varanda de S. Pedro *Eu vejo lá em baixo uma grande faixa a dizer «os pobres não podem esperar» e isso é lindo.*¹⁰ E eu fui atrás deles,

entram por um portão escancarado, (a que horas fecha, não sabemos) encimado por um dizer em ferro, A Cultura Liberta, e é por baixo desta frase que todos entram. Ali vão eles, em formiga (olha aqui uma, na minha mão), todos a entrar pelo portal ali construído como que a enquadrar a paisagem num quadrado de planície, podia ter sido um metro ao lado e entravam todos um metro ao lado. Mas não, foi ali, por haver um portão, todos concordam ninguém perguntou por que seria por ali que iam passar até o cão Constante, aos pinotes, à frente A Cultura Liberta,

7. *Obra citada*, José Saramago, 1980.

8. *Papa Francisco*, 16-03-2013.

9. *Papa Francisco*, 16-05-2013.

10. *Papa Francisco*, 22-12-2013.



eu fui atrás deles e do outro lado já havia quem os recebesse,
eu estou deste lado a recebê-los, e fico a vê-los chegar ainda
o sol não despontara já eu aqui estava desde o romper da bela
aurora aí vêm eles e trazem a manhã com eles e passam por
baixo do belo portão que diz do lado de fora A Cultura Liberta,
e do lado de cá só se vê as letras invertidas, e lá ao fundo um
sujeito a segui-los, ali está o portão, diz ele, A Cultura Liberta.
Daqui só as letras invertidas, atrebil arutluc a,

todo em ferro feito no meio da planície a planície sem fim não há
muros não há delimitações um portão de ferro no meio da planí-
cie que diz do lado de fora A Cultura Liberta e eles foram todos
ocupar as terras por ali, entraram nas terras nas quais a bem di-
zer já estavam, mas o portão marca essa fronteira, é a partir dali
que entram, vindos do dia principal e levantado, esta é

***Esta é a madrugada que eu esperava, o dia inicial inteiro e lim-
po*** eu já cá estava e estou aqui a recebê-los, atrebil arutluca,

é o dia levantado e principal, eu vou atrás deles, A Cultura Li-
berta,

e então eles começaram todos a trabalhar, eu estou aqui a dis-
tribuir foices, atrebil arutluca,

pegam nas foices e começam a ceifar o trigo, porquê a insistên-
cia no trigo,

a insistência no trigo porque o Salazar, o Alentejo o celeiro de
Portugal, vamos lá começar a campanha do trigo, disse o Sala-
zar ao latifúndio, que nem com a reforma agrária se desistiu da
ideia e lá continuaram os ganhões, os jornaleiros, a continuar
essa campanha, a do trigo, e como agora é verão quente, esta-
mos no tempo da ceifa, vamos então ceifar,

olha, vem ali um deles ter comigo. Sim? Pergunta-me se quero
experimental. Sim, por que não? Dobro-me assim, é? Mais para
a frente. E faço assim com a foice, sim? Serve também para se-
parar as ervas que nasceram por entre o trigo, sim, e depois
põe-se no chão em magotes para acabar de secar, ao sol. Já
estou a suar, que bom, isto é bom para o exercício, esta gente
é que tem sorte é gente genuína, ligada à natureza que vigor o
povo, é assim:

temos um corpo humano que ora está na vertical ora dobrado ora na horizontal, horizontal é quando está a dormir e não se fala mais nisso porque muito dormem os homens quando não há trabalho para que não se gaste mais dinheiro nem energia pois que não há despesa no dormir. ponto final sobre o corpo horizontal. Agora o corpo dobrado. O dobrado é um direito entortado. É portanto o corpo dobrado da família do vertical, temos aqui um corpo humano na vertical, é um trabalhador rural em modo dignidade, não é uma postura, é um posicionamento no mundo, o trabalhador está a afirmar o orgulho em ser trabalhador, é um homem levantado do trabalho, é um ferro, é assim que ele se põe quando faz greve ou quando grita por melhores condições de trabalho, às vezes levanta um braço e fecha o punho mas depois entorta-se outra vez e parece outro ferro mas é o mesmo ferro sujeitado ao trabalho do qual há pouco se orgulhava temos portanto o mesmo ferro que alterna entre duas posições ora dobrado no trabalho ora levantado do trabalho e temos que só está orgulhoso quando consegue endireitar o que antes estava dobrado. às vezes quando dobrado aparece outro ferro direito que se põe ao seu lado e então temos aqui um ramalhete e ele nem repara. Para reparar tem de se endireitar, endireitar-se do trabalho para ver que está ali outro ferro, por

sinal são os dois da mesma altura, mais ou menos, mas este ferro vertical não é ganhão nem jornaleiro, e diz-lhe, dobre-se lá outra vez que são horas de trabalhar e ele dobra-se, é também um posicionamento no mundo, o que permanece de pé é o feitor vigilante. E o trabalhador continua a ceifar o trigo,

este trigo aqui, está a ver, foi pago para isso. tem jorna quando há jorna. É assim nem sempre há jorna, nem pode haver, a natureza tem os seus ritmos, e quando não há jorna vai o jornal dormir para não gastar líquidos, e eu queria compreender,

eu queria saber do mundo, eu queria ler, mas o problema não é ser analfabeto, o problema é ser jornal, como é que, como é que,

Estão agora dois grupos de trabalhadores frente a frente, dez passos cortados os separam. Dizem os do norte, Há leis, fomos contratados e queremos trabalhar.

Dizem os do sul, Sujeitam-se a ganhar menos, vêm aqui fazer-nos mal, voltem para a vossa terra, ratinhos. Dizem os do norte, Na nossa terra não há trabalho, tudo é pedra e tojo, somos beirões, não nos chamem ratinhos, que é ofensa. Dizem os do



sul, São ratinhos, são ratos, vêm aqui para roer o nosso pão. Dizem os do norte, Temos fome. Dizem os do sul, Também nós, mas não queremos sujeitar-nos a esta miséria, se aceitarem trabalhar por esse jornal, ficamos nós sem ganhar. Dizem os do norte, A culpa é vossa, não sejais soberbos, aceitai o que o patrão oferece, antes menos que coisa nenhuma, e haverá trabalho para todos, porque sois poucos e nós vimos ajudar. Dizem os do sul, É um engano, querem enganar-nos a todos, nós não temos que consentir neste salário, juntem-se a nós e o patrão terá de pagar melhor jorna a toda a gente. Dizem os do norte. Cada um sabe de si e Deus de todos, não queremos alianças, viemos de longe, não podemos ficar aqui em guerras com o patrão, queremos trabalhar. Dizem os do sul, Aqui não trabalham. Dizem os do norte, Trabalhamos. Dizem os do sul, Esta terra é nossa. Dizem os do norte, Mas não a querem fabricar. Dizem os do sul, Por este salário, não. Dizem os do norte, Nós aceitamos o salário. Diz o feitor, Pronto, temos conversado, arredem lá para trás e deixem os homens pegar ao trabalho. ¹¹

Olha, vem ali um deles ter comigo. Sim? Pergunta-me se quero experimentar. Sim, por que não? Dobro-me assim, é? Mais para a frente. E faço assim com a foice, sim? Serve também para se-

parar as ervas que nasceram por entre o trigo, sim, e depois põe-se no chão em magotes para acabar de secar, ao sol. Já estou a suar, que bom, isto é bom para o exercício, esta gente é que tem sorte é gente genuína, ligada à natureza, que vigor este povo,

agora vêm os ratinhos do norte, aceitam salário mais baixo. E tu que dizes?

Eu, digo que não é comigo. Aceitem o salário que quiserem que eu tenho o meu.

Mas assim vão vir mais, e vão nivelar o teu salário pelo deles, e se vierem mais até podes deixar de ter trabalho.

Então o que é que eu digo?

Segue o guião. *E dizem os do sul:*

Deixa ver, Dizem os do sul, Sujeitam-se a ganhar menos, vêm aqui fazer-nos mal, voltem para a vossa terra, ratinhos.

¹¹. *Obra citada, José Saramago, 1980.*

E dizem os do norte, Temos fome. E o que é que tu dizes?

Não quero fazer isto.

Tens de experimentar. Não podes chegar a conclusões sem experimentar. Vá. Vá lá. ***Dizem os do sul:***

Também nós, mas não queremos sujeitar-nos a esta miséria, se aceitarem trabalhar por esse jornal, ficamos nós sem ganhar.

Tens de gritar isso com mais convicção. Grita. Grita com mais força.

Também nós, mas não queremos sujeitar-nos a esta miséria, se aceitarem trabalhar por esse jornal, ficamos nós sem ganhar.

Dizem os do norte, A culpa é vossa, não seiais soberbos, aceita o que o patrão oferece, antes menos que coisa nenhuma, e haverá trabalho para todos, porque sois poucos e nós vimos ajudar.

E digo eu, Não concordo com nada disso. Não podemos fazer restrições à entrada de imigrantes,

E dizes tu, Não vêm roubar trabalho, eles vêm até fazer o trabalho que tu e eu não queremos fazer.

E digo eu, Se eles vierem ceifar o trigo, nem que seja por barato és tu que podes comer o pão e teres outro trabalho menos duro.

E dizes tu, E até a ganhar mais.

E diz outro, Então achas que devem vir imigrantes para fazer trabalho de escravo?

E dizes tu, Não disse isso

E diz o outro, Mas é essa a conclusão do que dizes.

E digo eu, O capitalismo precisa de escravos.

E diz o outro, Tu queres o capitalismo?

E dizes tu, Não

Ninguém o quer, pois não. Mas entretanto, vamos fazendo a nossa vida. Vamos vendo se há trabalho na jorna e depois vemos



por quantos meses temos de dividir os tostões que nos dão. Se é por doze meses, ou catorze, mas entretanto eu vim aqui e não me apetece estar a seguir um guião.

Não é o trigo que importa, este trigo é verdadeiro mas não cresceu aqui. Isto está cheio de cestos de pão. É a fingir, o pão verdadeiro. O que importa é o fazer. É isso que vende. Vá, segue lá o guião.

É um engano, querem enganar-nos a todos, nós não temos que consentir neste salário, juntem-se a nós e o patrão terá de pagar melhor jorna a toda a gente.

Dizem os do norte. Cada um sabe de si e Deus de todos, e depois o padre Agamedes repete, cada um sabe de si e Deus de todos,

mas o padre Agamedes hoje, vinte e dois do sete de dois mil e treze diz, A crise mundial nada fez pelos jovens. Corremos o risco de ter uma geração sem trabalho, e do trabalho provém a dignidade da pessoa, ¹²

12. Papa Francisco, 22-07-2013.

mas depois os outros repetem, A crise mundial nada fez pelos jovens. *Corremos o risco de ter uma geração sem trabalho, e do trabalho provém a dignidade da pessoa*, e eu pergunto, em que ficamos,

e depois volta o padre Agamedes, no quinze do doze de dois mil e treze e afínfa-lhe *A ideologia marxista está equivocada, mas na minha vida conheci muitos marxistas que são boas pessoas, por isso não me sinto ofendido*,

e depois dizem os outros *A ideologia marxista está equivocada, mas na minha vida conheci muitos marxistas que são boas pessoas, por isso não me sinto ofendido*,¹³

e o que vendes não é o pão. É o teu fazer do pão, o pão era no tempo do Salazar.

Então mas o fazer do pão vale mais dinheiro do que o próprio pão? Onde é que está no guião?

Está aqui. *Integrar no projeto a dimensão da igualdade de género e de não discriminação*.¹⁴ Vale quinze por cento.

Mas igualdade de géneros como se o que conta é o dinheiro? Se trocássemos o fazer do trabalho da ceifa do trigo por géneros.

então *um alqueire de trigo pode valer um xis de cera e um ípsilon de seda*¹⁵ mas a cera e a seda não valem a mesma coisa, portanto não há igualdade de géneros.

O que trocas não é um alqueire de trigo, é o fazer do alqueire de trigo.

fazer, como é que fazes um alqueire de trigo. Quando muito juntas o trigo até fazeres um alqueire,

Pronto, uma instalação de um alqueire de trigo pode valer uma instalação de um xis de cera e uma instalação de um ípsilon de seda mas a instalação da cera e da seda não valem a mesma coisa, portanto não há igualdade de géneros.

Não, mas o que é equivalente é o xis e o ípsilon A instalação do xis de cera vale efetivamente a instalação do ípsilon de seda E

13. Papa Francisco, 15-12-2013.

14. Critérios de Avaliação e Parâmetros de Referência ao Apoio Pontual da Dgates, Governo de Portugal, 2014.

15. O Capital, Karl Marx, 1867.



por sua vez cada um deles vale a instalação de um alqueire de trigo. E não esquecer que no valor de troca da instalação já está o fazimento da instalação, atrebil arutluca,

Estou tão contente, sem sinal de internet, sem rede de telefone, e sem eletricidade. Devem ser tão felizes os habitantes desta localidade,

atrebil arutluca,

É preciso ver, e convir quanto é fácil viver satisfeito no latifúndio. O ar puro, por exemplo, um prêmio a quem encontrar um ar como este. E os pássaros, todos a cantar por cima das nossas cabeças quando paramos para apanhar uma florinha ou estudar o comportamento das formigas, ou desta carocha preta e vagarosa que não tem medo de nada, atravessa em suas altas andas o carreiro, impávida, e morre debaixo da nossa bota, se estivermos para aí virados, questão de disposição, outras vezes dá-nos para considerar sagrada a vida e até as centopeias escapam.¹⁶

16. Obra citada, José Saramago, 1980.



O turista do algarve aterra na praia e pronto. O turista que vai ao Alentejo não, vai à procura daquilo que havia no tempo em que era pequeno e que já não encontra em nenhum lado. a casa do povo, as salas caiadas do posto da GNR, o monte, a planície, as reuniões clandestinas. Era isso tudo o tempo da infância remota do turista. Os ranchos, a gastronomia, o pão, o coentro, o azeite, a água, as beldroegas, o poejo e nada mais que se coma, os campos dos sobreiros sarapintados de estevas,

e toda esta verdade inventada pelo secretariado da propaganda, hoje chamado secretariado da cultura, para o deleite das mais desvairadas meninices de todo aquele que depois dá em velho com os dentes a cair

quando éramos pequenos pensávamos que as coisas estavam ali desde os primórdios da forma e da matéria desde sempre, porque é isso ver uma coisa pela primeira vez com espanto, é constatar que aquilo não teve data de nascimento, aliás como a nossa data de nascimento também não nos teve a nós. porque vimos as coisas pela primeira vez com o espanto das crianças, senhores, o espanto das crianças é o espanto do turista, que vê pela primeira e diz espantado e comovido: esta flor esteve aqui sempre,

esta casa do povo está aqui sempre, esta estrada romana é um acidente natural, estes trabalhadores tisonados pelo sol são os deuses da seara, e as torturas, senhores, as torturas que faziam aos deuses da seara, naquela sala de paredes caiadas, chão de tijoleira, arredondado do gasto, e aquele carreiro de formigas que vai pelas juntas alargadas como se fossem vales, debaixo do sol branco que é o teto, tudo isto é o que a criança vê e o que o turista chama genuíno,

o nosso turista é o turista que não gosta do turismo.

Esta localidade não tem sinal de internet nem rede de telefone nem eletricidade. Os seus habitantes são felizes e vivem de acordo com os ciclos da natureza. Levantam-se com o sol e deitam-se com o sol. São genuínos, são eles próprios e fazem deles próprios, como antigamente, mas agora emancipados, como no tempo em que não eram emancipados, mas neste tempo, agora, livres, oh,

atrebil arutluca,

não ter linguagem azul para descrever a beleza deste parque humano.

Posto em seu devido tempo na terra, o trigo nasceu, cresceu e agora está maduro. Na orla da seara arrancamos uma espiga, esfregamo-la entre as palmas das mãos, que é gesto antigo. Desfaz-se o palhiço seco e quente, reunimos no côncavo da mão as dezoito ou vinte sementes daquele pé, e dizemos, É tempo de ceifar, ¹⁷

Olha, aqui uma formiga na minha mão. Às vezes levantam a cabeça e parece que estão a falar connosco, mas não se ouve nada, espera,

pois, não se ouve nada, o que elas contam é inenarrável, ou será o contrário, o inenarrável é que é o que elas contam? Vou agitar a mão e libertar-me da formiga.

a formiga cai no chão.

FIM

¹⁷. Obra citada, José Saramago, 1980.

Que boas estrelas

estarão cobrindo

os céus de Lanzarote?

José Saramago, Cadernos de Lanzarote

**A Casa
José Saramago**

Aberta de segunda a sábado,
das 10 às 14h.

Última visita às 13h30.

Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h.

Última visita a las 13h30 h.

Open from monday to saturday,
from 10 am to 14 pm.

Last entrance at 13.30 pm.

Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias,
Islas Canarias, Canary Islands

www.acasajosesaramago.com



30 até nov

Depois do Ensaio

Texto de Ingmar Bergman encenado por Mônica Rodrigues, uma reflexão sobre o teatro e os seus mecanismos.
Rio de Janeiro, Oi Futuro Flamengo.
Até 30 de novembro.



04/13 dez

Porto/ Post/ Doc

Primeira edição do Porto Post Doc: Film & Media Festival, que pretende dinamizar a cena cinéfila portuense com filmes, masterclasses, workshops e concertos.
Porto, Rivoli, Cinema Passos Manuel e Maus Habitats.



06 até dez

Nada de Novo

Exposição de trabalhos de Alice Geirinhas que, nas palavras da autora, «reúne desenhos-contos respigados do meu arquivo, recontados e redesenhados e apropriados»
Porto, Galeria Dama Aflita. Até 6 de dezembro.



12 até dez

Festival Internacional de Fotografia de Cabo Verde

Para além das exposições do trabalho de vários fotógrafos, o festival conta com workshops, palestras e cinema.
Mindelo e Porto Novo (Cabo Verde), vários locais.



14 até dez

VII Festa do Livro

Nova edição da Festa do Livro, onde podem encontrar-se livros de editoras nacionais e estrangeiras e muitos fundos de catálogo, tendo a Ásia como tema comum.
Lisboa, Museu do Oriente.



15/20 dez

Bonecos de Santo Aleixo

Espetáculo que coloca em cena as marionetas tradicionais alentejanas, cujo património tem sido preservado e divulgado pelo Centro Dramático de Évora.

Évora, Biblioteca Pública.



05 até jan 15

Atomic-Circus
Primeira retrospectiva de Patricia Gadea, nome fundamental da renovação da pintura espanhola das décadas de 80 e 90 do século passado.
Madrid, Museo Reina Sofía.



24 até jan 15

Quando os Deuses Visitam Bali

Exposição de objetos quotidianos e rituais associados ao Topeng, teatro dançado, musicado e com máscaras, de Bali.
Lisboa, Museu da Marioneta.



01 até fev 15

On The Table
Exposição fotográfica dedicada à vida e à obra do artista Ai Weiwei, um dos mais famosos dissidentes chineses cuja obra é reconhecida em todo o mundo.
Barcelona, La Virreina C. de la Imatge.



01 até mar 15

Cromofobia
Exposição comissariada por Teresa Riccardi onde se reúnem trabalhos de dezenas de artistas contemporâneos numa reflexão sobre a luz e a sua ausência.
Buenos Aires, Museo de Arte Contemporáneo.



Blimunda, Número especial
anual, em papel.
disponível nas livrarias
portuguesas.
Encomendas através do site
loja.josesaramago.org

